

PENTAGRAMA

2002 NÚMERO 6

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



A BUSCA DA PERFEIÇÃO

O NOVO PENSAR ABARCA O UNIVERSO

POR QUE DEUS DEIXA ISSO ACONTECER?

O CENTRO ÚNICO DO MICROCOSMO E DO MACROCOSMO

QUEM DEU FORMA AO VAZIO?

O QUE É O PECADO?

A ALQUIMIA DOS MISTÉRIOS DO OCIDENTE

DE ONDE VEM O CONCEITO «ALQUIMIA»?

A ESTRELA DE BELÉM

PENTAGRAMA

QUEM DEU FORMA AO VAZIO?

«A essência é imaterial.

A essência é sem forma.

O cérebro físico pensante
não pode definir o sem forma.»

(Lao Tsé)



ÍNDICE

- 2 A BUSCA DA PERFEIÇÃO
- 8 O NOVO PENSAR ABARCA O UNIVERSO
- 13 POR QUE DEUS DEIXA ISSO ACONTECER?
- 17 O CENTRO ÚNICO DO MICROCOSMO E DO MACROCOSMO
- 23 QUEM DEU FORMA AO VAZIO?
- 26 O QUE É O PECADO?
- 29 A ALQUIMIA DOS MISTÉRIOS DO OCIDENTE
- 36 DE ONDE VEM O CONCEITO «ALQUIMIA»?
- 41 A ESTRELA DE BELÉM

ANO 24
NÚMERO 6

A BUSCA DA PERFEIÇÃO

«O orgulho da taça é a bebida, sua humildade é servir.

Qual é a importância de suas imperfeições?» DAG HAMMARSKJÖLD

De acordo com antigas histórias, o homem original vivia de impulsos divinos que ele devia realizar. O homem de hoje segue um caminho inverso. Primeiro ele cria um ideal e depois se esforça para realizá-lo.

Os ideais pessoais são reforçados se compartilhados por um grupo de pessoas. Assim nascem concentrações mentais que são convertidas em ideais religiosos, científicos ou sociais. Inseridos em um contexto natural, são geralmente considerados como degraus no caminho da perfeição. Os homens buscam, infinitamente, o equilíbrio entre a realidade imperfeita e o ideal ao qual aspiram.

É um caminho demarcado por experiências. Quem o percorre e compreende o significado desta aprendizagem progredirá e se transformará. Se tudo correr bem, esta pessoa ajustará seu ideal a cada passo e acabará chegando a um limite. Ela não poderá ir mais longe, ou então... deverá tomar uma outra direção. E, em um dado momento, ela deverá se voltar para a realidade divina, já que a perfeição somente existe no mundo divino.

A CRIAÇÃO DO HOMEM IDEAL

Em todos os tempos, sempre houve tentativas de representar o homem completo:

- artistas buscaram a forma perfeita e incomparável,

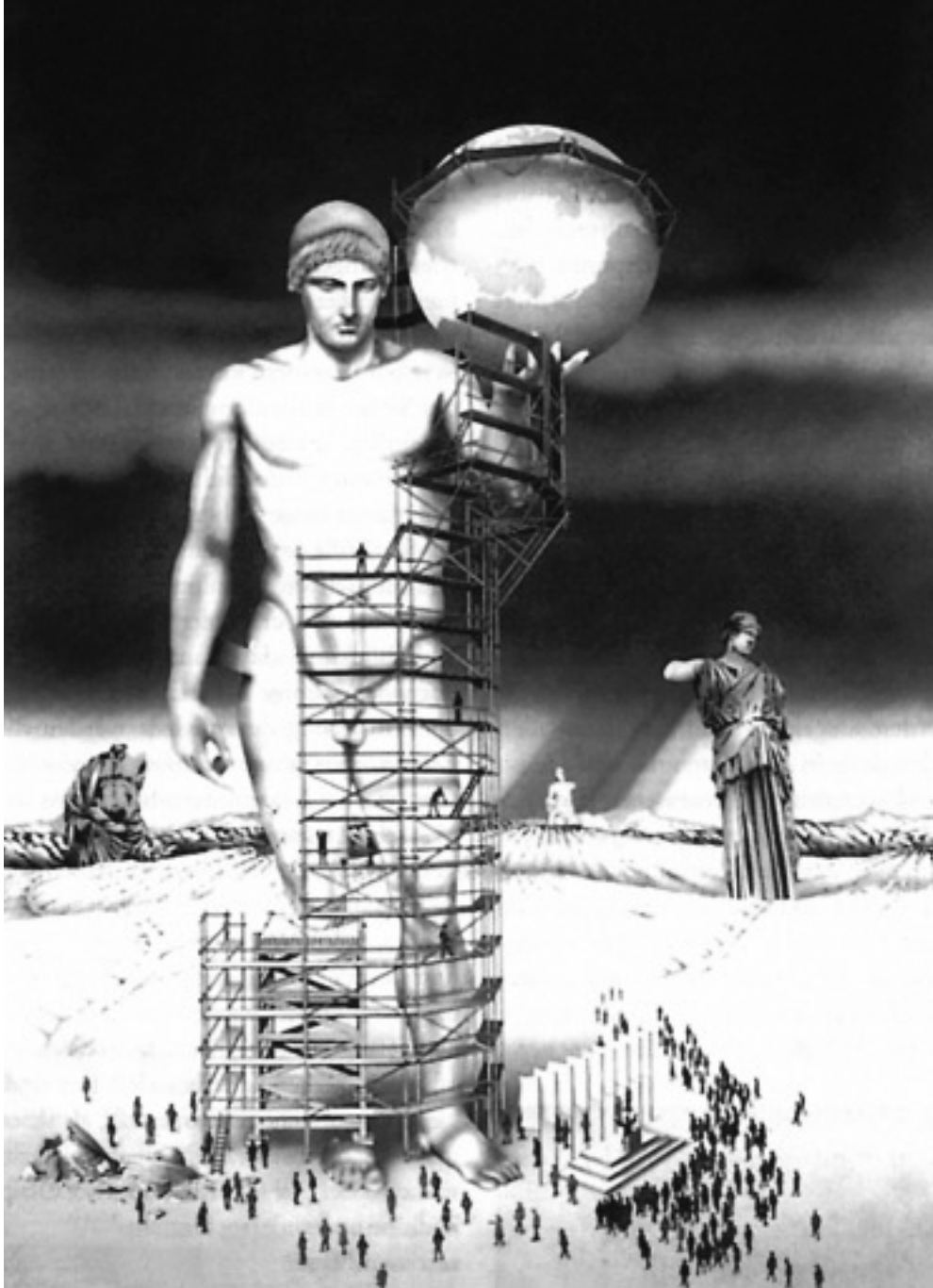
- teólogos conceberam uma ética superior,
- cientistas deram forma à imagem do homem onisciente e onipotente.

Homens com físico e caráter nobres, de comportamento irrepreensível e com vasto saber, dão uma idéia da perfeição humana tal como podemos imaginá-la. Alguns os escolhem como modelos, na esperança de se tornar como eles, de atingir aquilo que eles atingiram. Mas este tipo de idealização também pode despertar inveja.

UM EQUILÍBRIO PRECÁRIO

Aprendemos, por experiência própria, que a perfeição é irrealizável aqui

Homem de estado sueco, Dag H.A.C.Hammarskjöld (1905-1961) foi secretário geral da ONU de 1953 a 1961. Ele morreu em um acidente de avião em uma missão no Congo. Em 1961, recebeu postumamente o Prêmio Nobel da Paz. Em seu diário, ele conta como um homem, arrogante no início e profundamente solitário, encontrou o caminho da rendição do eu e do amor incondicional.



embaixo, embora algo nos impulse a buscar. E, apesar de todas as decepções, continuamos tentando, individual e coletivamente, construir um mundo melhor. A cada tentativa averiguamos que esse «mundo melhor» é efêmero, e o equilíbrio atingido, precário. Afinal, as forças e poderes se opõem uns aos outros, em um perpétuo movimento, provocando deslizamentos e rupturas de equilíbrio. A ciência e a técnica visam manter uma certa estabilidade, mas pouco importa

o que fazamos, o objetivo afasta-se cada vez mais, até um limite intransponível. Quando chegam a este limite, os pioneiros são como que jogados para trás, e logo começa o declínio. Os ideais se tornam cada vez mais superficiais como na moda, na publicidade, no cinema e na televisão, onde só o que conta é uma bela aparência. Esta não é uma visão pessimista, mas uma corrente que sulca o caminho seguido pela humanidade. Civilizações nascem, crescem, atingem píncaros cada

A única imagem ideal do homem ainda não desapareceu ou então o «totalmente outro» é novamente edificado.
Ilustração Pentagrama

A espada
alada da cidade
portuária de
Medina, Malta.
Foto Pentagrama

vez mais elevados e depois são invadidas por outros gigantes, ou então são minadas por pequenos grupos que atacam seus pontos fracos.

O INFERIOR RETOMA SEUS DIREITOS

As pessoas com tendência religiosa visam uma ética perfeita. Mas a distância entre a imperfeição do ponto de partida e o ideal elevado as obriga a sufocar certos problemas. As tensões, assim acumuladas, explodem

- em conflitos com seus semelhantes, igualmente imperfeitos. Estas tensões podem até mesmo levá-las
- a uma divisão de personalidade, entre um aspecto elevado e um aspecto sintonizado com a vida inferior, animal. O que foi reprimido re-

toma seus direitos e, no lugar de perfeição, manifesta-se todo tipo de comportamentos lastimáveis.

A aptidão de memorizar os conhecimentos diminui com a idade. Parece que o acesso ao saber está tão injustamente distribuído quanto o dinheiro. Durante nossa curta vida, somente temos acesso a uma mínima parte de todo o conhecimento disponível, sem falarmos dos limites de nossas capacidades de registrar e assimilar. Quem quisesse saber tudo teria de viver eternamente, sem dúvida. Ao fazer isto, ele teria logo esquecido o que aprendeu, por não ter podido manter todo esse conhecimento.

A onda de conhecimentos que inunda a humanidade – com a internet – obriga à especialização. Poucos indivíduos têm uma visão de conjunto. Ora, a especialização torna as experiências cada vez mais individualizadas, o que prejudica, no final das contas, a compreensão entre as pessoas. Como aconteceu durante a construção da Torre de Babel, a aspiração à perfeição e ao conhecimento suscita problemas de comunicação. Esta caça ao ideal sempre leva a um terrível caos. Só o exterior conta – a beleza; e, no interior, há somente vazio. A imagem ultrapassa a realidade. Mas, algumas vezes, pintores como Picasso ou Zadkine, entre outros, souberam traduzir o despedaçamento criado por esse vazio.

Para quem somente olha para o exterior das coisas é fácil optar pelo ideal da beleza aparente, mesmo que saiba que a promessa que aí se esconde é irrealizável. A ilusão dessa promessa é gravada nele a ferro e fogo e o impulsiona a seguir seu ideal, até o limite das forças que a natureza lhe outorga.

A PERFEIÇÃO É UMA ILUSÃO?

Não seria a perfeição uma quimera, uma alucinação do homem insatisfeito



e torturado? Um sonho alimentado de fantasmas? A aspiração pela perfeição comporta não só uma consciência da imperfeição, mas também uma profunda inclinação para uma vida superior, para uma existência salutar. O homem, aprisionado neste campo de tensão, sofre altos e baixos. E ele olha seu próximo com incredulidade, quando nele suspeita o menor sinal de perfeição.

O mínimo traço de perfeição parece exercer uma atração incrível. Basta um «quase nada» numa outra pessoa para tirar-nos de nosso corre-corre diário. Mas quando percebemos o vazio por detrás da brilhante aparência, e isso geralmente acontece com os jovens, deixamos que o ídolo caia, sem piedade. Quem não se sentiria ao mesmo tempo aliviado e desiludido ao descobrir que não é o único que comete erros? Um ser perfeito é realmente insuportável!

No entanto, a maioria das pessoas aspira à perfeição. Todos os dias, a todo instante, elas se agarram à menor suspeita de perfeição para, logo em seguida, perceber que tudo não passava de bolhas de sabão. Afinal, ninguém usa a mesma medida para medir o grau de perfeição. Assim, no momento em que alguém ultrapassa esse nível, percebe o quanto o seu ideal era imperfeito. Eis como passamos o nosso tempo: colocando e tirando máscaras.

«Quem está sob a luz dos refletores vê crescer à sua volta uma lenda, como acontece com aquele que já faleceu. Ele se apaixona pela imagem que a opinião pública forjou dele durante a lua de mel» (Dag Hammarskjöld, *Balizas*).

Dag Hammarskjöld descreve, aqui, uma situação muito comum. Estas pessoas passam pela experiência da admiração que os outros sentem por elas e ficam apaixonadas pela imagem que lhe devolvem. De fato, a imagem bem lustrada não seria mais bonita do que a realidade cotidiana? Quem não

CITAÇÕES EXTRAÍDAS DE *BALIZAS*

1950 – «*A pulsação do sangue com a seiva das árvores e a corrente dos rios, com os movimentos do corpo e o ritmo da terra. No lugar disso: uma alma privada do oxigênio dos sentidos desabrochados, desgastada por projetos e revoluções – entre quatro paredes. Animal domesticado no qual as gerações gastam suas forças – inutilmente.*»

1952 – «*A corrente de vida durante milhões de anos, vidas humanas aos milhares, pecado, morte e miséria, sacrifício e amor. Qual é o significado do “eu” a partir desta perspectiva? Não me impele minha razão a buscar o que é meu, meu prazer, meu poder, meu respeito pelos outros? E, no entanto, eu “sei” – sei sem sabê-lo – que a partir desta perspectiva é justamente o que tem menos importância: uma idéia na qual se encontra Deus.*»

6.7.1961 – «*Exausto e só. Exausto, o coração se extenua. O degelo transpira ao longo dos rochedos. Os dedos entorpecidos, os joelhos trêmulos. Agora é a hora em que não debes abandonar.*

Outros fazem pausas no caminho e se encontram ao sol. Mas teu caminho está aí e agora, agora, não debes fracassar.

Chora se quiseres. Chora mas não lamentes. O caminho te escolheu e debes estar pronto.»

24.8.1961 – «*Será um novo país em uma outra realidade diferente da deste dia? Ou será que eu já vivi aí antes?*»

gostaria de ser admirado, respeitado e adulado? Sim, até os ataques de nossos inimigos são importantes para nós porque sentimos que estamos mil léguas acima deles. E somos o objeto de sua atenção...

Mas esta imagem está longe da realidade. E seria preciso que, de tempos

em tempos, estas pessoas fossem confrontadas com a dura realidade. Descobrir o abismo que existe entre a ilusão e a realidade é uma experiência desconcertante. Quantas pessoas já não fugiram dessa experiência?

Apesar de laboriosos esforços, a distância entre a ilusão e a perfeição apenas diminui. As tentativas continuam, em novas direções: escolhemos como ideal, por exemplo, a perfeição do corpo e da alma, ou a convivência com pessoas nobres, ou ainda cercarnos de coisas belas. O homem quer tornar perfeita a realidade despedaçada, mas logo percebe que há rupturas.

Jesus disse a seus discípulos: *Sede perfeitos como vosso Pai que está nos céus é perfeito*. Seria a perfeição na vida terrena, a perfeição das coisas e dos valores terrenos? Onde fica o limite entre a nossa idéia de perfeição e a perfeição divina? Como podemos nos libertar das ilusões que nos impedem de atingir esta perfeição?

OS MISTÉRIOS DO HOMEM TERRENO

Enquanto o homem se consagrar à busca da perfeição, fracassará; porque, assim fazendo, ele perturba a frágil ligação com a fonte da perfeição divina que se encontra em seu interior. O campo da natureza dialética é tão vasto e são tão numerosas as regiões em que o homem pode se perder! O livro *Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia* explica que a vida se desenvolve no interior dos doze signos do zodíaco e que cada signo tem um pólo positivo e um pólo negativo – o que totaliza doze vezes dois, ou seja, vinte e quatro campos de vida. O homem pode, se quiser, explorar esses campos e estudar seus múltiplos aspectos. Ele também pode chegar à conclusão de que esta é uma pesquisa estéril, pois estas regiões se encontram apartadas do mundo divino per-

feito. Esta tomada de consciência o conduz a um limite onde ele terá de deixar para trás de si sua consciência biológica, no umbral do primeiro verdadeiro mistério: o incognoscível, o inacessível.

A perfeição divina existe no incognoscível. O homem terrestre não pode fazer a mínima idéia disso. Para ele, Deus é inimaginável. Geralmente ele dá testemunho de um respeito silencioso diante deste mistério inconcebível e incompreensível e mergulha em seu próprio mistério. Ele se limita aos 24 campos de vida e a eles se dedica como se fossem seus ídolos. Como sair desta situação e se aproximar da perfeição divina?

Em primeiro lugar, é preciso ter um desejo profundamente alicerçado de se tornar um verdadeiro ser humano. Neste desejo há algo da vida perfeita, algo que nos faz ver nosso estado cada vez mais claramente. Quanto mais este desejo se manifestar em nós, melhor compreenderemos que jamais poderemos elevar nossa personalidade terrena a um estado de perfeição. Se, observando o mundo ao nosso redor e nos examinando honestamente, acertarmos esta compreensão e tudo o que ela implica, vivenciaremos uma libertação interior.

Uma alegria nos perpassa e dizemos: Sim, Senhor, deixa-me diminuir segundo a natureza. Mostra-me o caminho pelo qual meu ser verdadeiro possa crescer e minha alma se revestir de uma nova veste, tecida com substância imperecível!

O significado de «ser verdadeiramente perfeito» penetra pouco a pouco na consciência. Algo começa a luzir naquele que busca Deus; no entanto, seu ser terreno continua imperfeito. Ele percebe isto cada vez mais. Ele vê o Outro crescer nele, mas ele mesmo não é o Outro. Ao mesmo tempo que o Outro cresce, sua alegria interior se intensifica. Ele reconhece no Outro seu Mestre verdadeiro, sua forma original. Na força deste novo nascimen-



to, ele aprende a se entregar ao Outro nele, a deixar para trás tudo o que é deste mundo.

Paulo escreve, na Epístola aos Filipenses (3: 12-16):

Não que já tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.

Pelo que todos quanto já somos perfeitos sentimos isto mesmo; e se sentis alguma coisa de outra maneira, também Deus vo-lo revelará.

Mas, naquilo a que já chegamos, andemos segundo a mesma regra, e sintamos o mesmo.

A arca de luz vai ao encontro do sol nascente através do mar vermelho das paixões do sangue.
Ilustração
Pentagrama

O NOVO PENSAR ABARCA O UNIVERSO

«O coração do universo bate em vosso peito: eu sou Aquele. Ele governa os mundos a partir do centro absoluto. Ele é Brahma, Atman, o guia oculto, o Imortal. Aquele que contempla a verdadeira essência de Brahma, na luz de sua alma, o reconhece. Ele é a eternidade. Este homem se liberta, então, de todas as cadeias.»
(Upanishad)

A humanidade já não é consciente do centro eterno do universo. Por isso, toda curva ascendente, após ter alcançado um apogeu, inicia uma descida. As civilizações se sucedem. Mas aquele que volta a ser consciente do centro espiritual em seu coração e lhe

consagra sua vida encontra-se no eterno presente e já não é submetido ao constrangimento do «subir, brilhar, descer». Seu pensamento está focado no Sol espiritual micro-macrocósmico. Sua consciência renovada abarca o todo. Uma espiral de energia liga o centro microcósmico ao centro macrocósmico. É uma tríplice corrente de luz, de amor e de vida formada pela luz da consciência, do desejo de unidade e da força de ação.

No centro do macrocosmo, o Sol espiritual irradia em todo o universo. No centro do microcosmo, a centelha do espírito irradia no sistema esférico de energia sutil do homem. Esse princípio espiritual corresponde ao coração. Desde sempre, as escolas gnósticas ensinaram que as inúmeras centelhas do espírito são mônadas provenientes do Sol espiritual. Os microcosmos divinos caíram no universo material para adquirir experiências e participar de ondas de vida menos evoluídas. No decorrer desse êxodo, alguns perderam a lembrança de sua origem espiritual e mergulharam no sono do esquecimento. Outros, cuja mônada já está desperta, têm por encargo salvá-los. A mitologia e a arte gregas evocaram a senda do despertar de diversas maneiras. Nos mistérios de Elêusis, deusas oferecem aos homens uma espiga de trigo, símbolo do caminho da iniciação. O grão de trigo representa a alma que, abandonada na escuridão da terra, aí germina e cresce até a maturidade. A semente brota, abre passagem no solo e aponta sua haste para a luz. Outros deuses são representados por uma pomba, símbolo do vôo da alma.

Caníços
entrelaçados no
jardim de Selma
Lagerlöfs em
Marbaka, Suécia.
Foto Pentagrama





A QUEDA DOS ÍDOLOS

A humanidade está exposta a novas radiações que a obrigam novamente a questionar suas imagens mentais habituais. A visão cristalizada do mundo de cada povo está abalada, o que provoca muita ansiedade, incerteza e violência. Os esquemas comportamentais tão arraigados vêm à tona. As autoridades são contestadas e os ídolos caem. Em todos os domínios, religioso,

científico, político, artístico, ético, etc., as estruturas esclerosadas, a cegueira, a exploração, a escravidão das consciências, a loucura do poder, são desmascaradas: um desnudamento nada bonito de se ver. Todos os esforços são feitos para «livrar a cara» e esconder a miséria que se revela. Conseguimos manter as coisas durante um certo tempo, mas os andaimes acabam caindo.

O germe do novo pensar rompe através do caos. Muitos homens,

O Empireo.
Na forma de uma rosa branca me apareceu a falange de santos que o Cristo desposou em seu sangue.
A Divina Comédia, O Paraíso, XXXI, 1-3, Dante.

mundo afora, já se preparam para as exigências das novas radiações, resolutamente voltados para o Sol espiritual central, graças ao seu discernimento e ao puro desejo oriundo do germe divino em seus corações. As novas radiações vertem éteres que rompem suas barreiras mentais e psíquicas a partir do interior. Se participam do processo em total entrega, tornam-se conscientes da condição miserável da alma acorrentada a uma personalidade terrena e, alcançando uma consciência mais elevada, colaboram com o plano da Criação.

O ARROGANTE FAETONTE PERDEU O CONTROLE DO CARRO CELESTE

Em contrapartida, a decadência espreita muitas pessoas que não estão suficientemente conscientes, que são mal orientadas e não estão ainda em condição de submeter sua vontade à vontade divina da Gnosis. Seu egocentrismo e sua vontade autoritária são a causa de aberrações psíquicas, de comportamentos errôneos, de loucura, de envenenamento do sangue, de doenças e de caos. É uma tragédia mundial que toca em primeiro lugar as jovens gerações; elas querem romper as ligações com o que é antigo, mas não sabem como

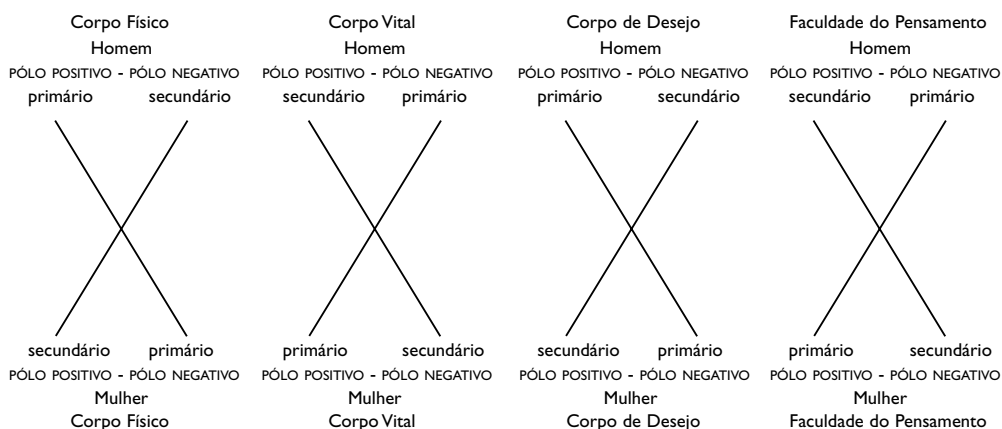
fazê-lo. Muitas vezes esses jovens que têm sede de coisas novas acabam obumbrados e explorados.

Há, portanto, por um lado, uma reação de despertar da centelha espiritual e, por outro lado, uma incompreensão do que isso representa, incompreensão essa que faz perder o controle do carro solar. Este acontecimento trágico é evocado no mito grego de Faetonte, filho do deus solar Hélio. Faetonte quis conduzir sozinho o carro solar. Mas não sabendo como fazê-lo, foi incapaz de dominar os quatro corcéis alados – os poderes do pensar, do sentir, do querer e do agir – porque não soube confiar as rédeas a seu próprio centro espiritual. O carro solar disparou, Faetonte foi queimado e precipitado no vazio. Cada período de transição é acompanhado de uma crise. Uma grande parte da humanidade não está pronta para compreender nem para aceitar as novas orientações. Muitos seres nada conhecem do caminho que se abre diante deles e por isso se enganam facilmente.

O FILHO DO REI TRAZ DE VOLTA A PÉROLA

As próximas gerações aproveitarão as lições de suas amargas experiências.

ESQUEMA DA DUPLA UNIDADE CÓSMICA HOMEM-MULHER



Nas próximas décadas e séculos, novos homens, homens renovados segundo sua alma imortal, guiarão a humanidade. Inflamados e guiados pelo coração irradiante do Sol macrocômico, eles receberão a sabedoria necessária para recolocar a humanidade no bom caminho.

Esses homens, à escuta da Gnosis manifestada em seus corações, agirão segundo suas diretrizes. A realização de sua própria renovação interior os autorizará a subscrever as palavras de Cristo: *O Pai e eu somos um e Eu estou no Pai, e Ele está em mim.*

O verbo vivente emanado do reino do Espírito é uma realidade absoluta. O Logos, a razão onipresente, se revela ao buscador da verdade. Ele não precisa mais pesquisar nos livros ou receber os dogmas dos outros: a verdade flameja no centro de seu microcosmo. Ele tem nas mãos a pérola preciosa, assim como o filho do rei no mito maniqueu que arranca a pérola das garras do dragão e a traz de volta ao reino de seus pais. Na linguagem da Gnosis moderna, é a rosa do coração desabrochada que o peregrino traz de volta com ele.

○ MISTÉRIO DA ROSA

A Rosa é o símbolo do Sol espiritual, no macrocosmo e no microcosmo. No desenlace da *Divina Comédia*, Dante descreve a rosa de luz cósmica. Aquele que, em total entrega de seu eu, toma consciência das ligações que existem entre seu ser mais profundo e o núcleo da Criação, e que age segundo esta consciência, conhece a liberdade, a paz e a alegria. Este estado de alma já não tem nada a ver com os valores presos a essas palavras. Ele ultrapassa toda a compreensão humana. Eis o milagre da consciência universal, o milagre da Rosa.

Manas, o homem verdadeiro, pensa, sente e age segundo a consciência uni-



versal. Ele se parece com uma rosa irradiante, cujas pétalas desabrocham em espiral ao redor do cálice. Nesse sistema solar diminuto, os sete chacras orientados para o Espírito e as doze novas propriedades podem cumprir sua tarefa. O centro do cálice simboliza o coração solar do macrocosmo, o

Nü Wa, criador da raça humana e Fu Xi, fundador da civilização. Cultural Relics Publishing House, Pequim.

Pai, que quer se revelar em todos os microcosmos, seus filhos.

Aquele que recebe o Verbo, o Logos, do coração solar de luz pura, e a irradia, come o pão da Vida e bebe o vinho do Espírito. Ele disso participa. O centro do microcosmo é uno com o coração solar e pode dizer: *Eu sou o pão da vida, eu sou a cepa, sem mim nada podeis*. Quem se volta para seu coração e entrega seu eu, conscientemente, aproxima-se da finalidade da criação. A faculdade do pensar, imperfeita e transitória, dissolve-se, substituída pelo pensamento universal. O antigo é consumido no eterno novo que está no centro.

A NOVA ERA EXIGE SACRIFÍCIOS

O ser que se esforça por liberar em si o princípio espiritual, que trabalha para a restauração de seu microcosmo, deve possuir o conhecimento apropriado para essa realização. Quantas pessoas não esperam, conscientemente ou não, que o princípio divino se inflame neles! A finalidade de toda verdadeira religião é alimentar esse desejo com uma sabedoria pura, haurida de um ensinamento que a torne compreensível e aceitável. Através dos séculos a sabedoria vivente foi frequentemente deformada até se tornar um conjunto de dogmas cristalizados e indigestos. É por esse motivo que o buscador da única verdade dá as costas às religiões dogmáticas.

Muitos seres tornaram-se aptos a descobrir a verdade em si mesmos. Eles tocam o mistério do verdadeiro vir-a-ser humano e essa experiência é parte integrante de sua vida cotidiana. O processo de libertação interior fez surgir neles novos poderes, permitindo-lhes auxiliar os outros.

As escolas dos mistérios sempre auxiliaram a humanidade. As fraternidades gnósticas têm por única meta per-

mitir que a humanidade alcance um nível de consciência mais elevado. A cabeça e o coração que se oferecem à Luz formam um cálice límpido como cristal: o Graal. Essa taça recebe a pura energia oriunda do coração solar e sua radiação é um auxílio para todos os que buscam. Aquele que faz renascer em si mesmo Manas, o pensador puro, só sente gratidão e alegria. Ele sabe que o centro de seu microcosmo tornou-se uno com o centro do macrocosmo.

Vede, todo o antigo desapareceu, tudo se tornou novo!, exclama Paulo, o pioneiro.

Eis o chamado da Gnosis para a nova era, o tempo da renovação do mundo e da humanidade.

POR QUE DEUS DEIXA ISSO ACONTECER?

Toda vez que acontece uma catástrofe, ouvimos a mesma pergunta: Por que Deus deixa isso acontecer? E os ateus, sarcásticos, dizem: Como vocês aceitam um Deus que tolera essas coisas? E os fanáticos clamam: É a vontade de Deus!

Essas observações ecoam no mundo todo, na tonalidade própria de cada cultura. Em muitos países entra-se na igreja andando de costas. Na Holanda, por exemplo, os edifícios religiosos são transformados em prédios e em centros comerciais porque os fiéis não asseguram mais a sua manutenção... a igreja, para eles, já não significa grande coisa. Outros se voltam para as crenças de seus ancestrais tentando restaurar os valores e preceitos esquecidos. Assim gira a roda, acionada por um lado pelo comportamento individualista e isolacionista e, por outro, impedida por um fundamentalismo que anuncia o declínio de uma sociedade.

Podemos, assim, nos perguntar: por que Deus deixa que proliferem as armas nucleares e biológicas, capazes de erradicar toda a vida sobre a face da terra? Por que Ele deixa o homem destruir seus semelhantes com uma inconcebível crueldade mental e física? Quem é esse homem que se permite fazer coisas como essas? Quem é esse Deus que lhe dá carta branca? O Criador poderia pelo menos ter posto em funcionamento outras leis, instaurado limites tornando impossível, por exemplo, a fabricação de armas atômicas, os testes nucleares e os desastres provocados pelos reatores nucleares.

Todas essas perguntas pressupõem a existência de um Todo Poderoso divino, de um Deus que domina todas as coisas. Mas por que esse Deus teria criado um mundo tão imperfeito? Essa pergunta é da mais alta importância. Ela mostra que aquele que a faz recusa o curso dos acontecimentos, que ele já não quer aceitar que algo lhe seja imposto de cima, que se revolta

Os livros de história quase que só testemunham da cobiça e avidez assassina do homem. Os rastros de sangue vermelho escuro provam que o desenvolvimento da humanidade ocorre em altos e baixos e jamais ultrapassa um certo nível. E, contudo... encontramos, às vezes, vestígios de civilizações onde não prevaleceram a glória, nem o poder, nem a sede de posse, mas a amizade, a estima mútua, o amor e

uma unidade sem constrangimento. Descobertas como essas nos surpreendem. Países de lendas, sem dúvida, que são o assunto de relatos palpantes. Sim, reagimos desse modo porque a consciência de hoje não pode corresponder a normas verdadeiramente mais elevadas. Todos os valores, estabelecidos a partir da consciência biológica, são exercidos sempre em detrimento dos valores de outrem.

Os neurologistas americanos Andrew Newberg e Eugene d'Aquili constataram, em monges consagrados à meditação e à oração, que certas partes de seu cérebro se enfraqueciam, especialmente aquela que permite a localização espacial.

contra as potências superiores, que quer encontrar seu próprio caminho e desprender-se do mundo e de seu domínio.

Todas essas perguntas – até as dos ateus! – provêm da idéia de que algo, ou alguém, criou o mundo. É o mundo a obra de um Deus todo poderoso? Ou então o princípio do bem e do mal é uma criação do cérebro humano? Podemos dizer que é Deus que força os homens a desenvolver as armas nucleares, a se matar mutuamente nas mais atrozes guerras, a macular seu próprio ninho? Talvez seja preciso nos aprofundarmos um pouco mais no assunto e nos perguntarmos quem é Deus. É ele um deus pessoal ou um

deus coletivo, zelando pelos interesses individuais ou coletivos? Um deus nacional ou um deus racial? Não seria ele um ser criado pelos próprios homens, como um ideal a ser alcançado? Um deus que abençoa as armas dos dois campos... como na Segunda Guerra Mundial?

O Todo Poderoso, isto é, o poder superior a todo outro poder, a toda outra força, dá às criaturas a liberdade de explorar seu caminho na Criação, a liberdade de ter experiências, de querer o bem e de também cometer erros, de se servir da Criação dentro de um certo limite. As religiões mundiais apareceram em reação a utilizações errôneas e descrevem com palavras inflamadas como despencamos direto no inferno. Cristãos, budistas, hinduístas, muçulmanos – só para citar alguns – têm, sobre isso, cada um, a sua teoria, apropriada às circunstâncias nacionais e locais.

Teria Deus criado algo com uma imperfeição qualquer? Por que as pessoas se apóiam nessa idéia? Porque sua própria imperfeição os impede de medir a amplitude da Criação divina. O cosmo, do qual faz parte o planeta Terra, é uma perfeita escola para a humanidade. No interior dele, o homem criou seu próprio mundo. O que vemos não é o mundo criado por Deus, mas um mundo que procede do extravio do homem que esqueceu Deus. Também não podemos considerar o homem em sua infinita diversidade, como Manas, o homem original pensante, almejado por Deus, mas como uma forma animal na qual se manifesta – no melhor dos casos – um princípio nobre originário do reino dos





céus. O homem moderno é o ocupante de um microcosmo danificado e maculado.

Do homem original só restou uma semente divina, tão encapsulada na matéria que sua reintegração, de forma autônoma, é impossível. É por isso que a Fonte divina emite uma radiação que chama para a redenção e mostra o caminho de retorno para ela. A finalidade de sua odisséia está gravada na imagem da humanidade atual.

Pouco tempo após o mergulho na matéria, o homem ainda dispunha de uma parte de seus poderes divinos. Graças a eles, edificou o mundo no qual devia viver. Mas, à medida que se afastava mais, ele perdeu seus poderes. Em seu lugar, ele dispunha de poderes totalmente harmonizados com os quatro elementos da natureza, com o auxílio dos quais construiu o mundo como ele é hoje. Portanto, não foi Deus que formou este mundo. Pelo contrário: o Criador determinou os

O professor A. H. de Hartog, brilhante teólogo holandês (1869-1938), por ocasião de cuja morte os jornais deram como manchete «um grande holandês se foi», escrevia em 1931 n' *O sentido da vida*: *Aqueles que se queixam, que acusam Deus e os homens pela destruição mundial que começou nestes últimos anos, a esses compete, em primeiríssimo lugar, analisar a si mesmos e se perguntar se manifestaram ou irradiaram, em especial ao seu redor, o que era necessário. Infelizmente, nós nos consideramos reformadores e nosso próprio mundo fornece a prova de que ele ainda é uma ilusão! Escutar a queixa do mundo é mais fácil e menos desagradável do que trazer um copo d'água para aquele que tem sede. Quando éramos meninos, a experiência nos ensinou que nossos enternecimentos nos propiciavam alegria ou tristeza, ao ouvir mugir uma vaca nos campos, miar um gato preso, gritar uma criança na rua. O universo não era senão um espetáculo, até que distinguíssemos aqueles que gritavam: nossa avó pede ajuda, é preciso mudar a cama de um doente, ou então é preciso silenciar esse surto de mau humor. Ocorre o mesmo quando nos queixamos da guerra: acusamos os povos, os dirigentes, os homens de negócios e os políticos, mas entregues ao nosso ressentimento, não vemos a guerra que prolifera, que se propaga como um câncer, até que cante o galo de nossos soberanos interesses no círculo restrito de nosso prédio, castelo, lugar de trabalho, escritório, sala de aula, hospital, etc...*

Como essas palavras são atuais!

princípios de funcionamento da escola da humanidade, mas foi a própria humanidade, com seus dirigentes, que formou o mundo atual. É por isso que os gnósticos falam de duas ordens de natureza: a natureza original e a natureza espaço-temporal.

Bênção das
armas,
Caricatura de
Albert Hahn
(1877-1918).



O QUE OCORRE NO EXTERIOR É UM
REFLEXO DO INTERIOR

A verdadeira pergunta que deveríamos fazer antes de tudo é: Por que o homem afastou-se tanto de sua origem? Inúmeras organizações humanitárias e religiosas tentam amenizar os efeitos desse extravio. Mas parece que isso não funciona. Cada uma dessas medidas de ajuda é acompanhada de observações como: *Isso é a consequência daquilo... Devemos atacar o mal pela raiz.* Mas, onde se encontra a raiz? Não começou tudo por termos esquecido Deus? Pela tomada de poder do eu? É claro que sim! E esta raiz está escondida também no coração do homem. O que ocorre no exterior é um reflexo do interior. E, a cada batida do coração, o germe divino chama: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida». Para muitos, o clamor dos

acontecimentos mundiais encobre o chamado que vem de seu coração. Outros reagem com violência, se afastam de seu criador e o acusam. Quando o que está em jogo atualmente é tão importante! Não há mais tempo de se fazer perguntas e de se lamentar. É preciso levar ajuda aonde for possível. Assim, a porta do coração que ouve ressoar o chamado da Vida divina se abre. Em verdade, a cada batimento!

É a atitude que faz pender a balança: ouvir e reagir ao chamado divino vindo do interior. Refletir filosoficamente sobre a queda devida ao pecado e suas consequências não fará o homem avançar um passo sequer. Ele se emaranha cada vez mais na imperfeição do mundo. Gautama, o Buda, comparava «o homem envenenado pela toxicidade do pecado a um homem atravessado por uma flecha. Febril, ele se faz perguntas: De onde provém a flecha? De que veneno ela está impregnada? Absorto em seus pensamentos, ele falece. Se tivesse tirado a flecha de seu corpo imediatamente, poderia ter sobrevivido».

O CENTRO ÚNICO DO MICROCOSMO E DO MACROCOSMO

«Nesse dia, sabereis que estou em meu Pai e vós em mim e eu em vós»
(João, 14:20).

Cada vez mais pessoas percebem que suas vidas não estão alicerçadas em um princípio fundamental. Elas se sentem presas a critérios rígidos, religiosos e filosóficos, assim como a uma certa ordem mundial, que determinam seus pensamentos, sentimentos e ações. A falta de brilho do mundo das aparências em que se passa sua vida cotidiana é insuportável. Afinal, o que é essencial e qual é o fundamento de suas existências?

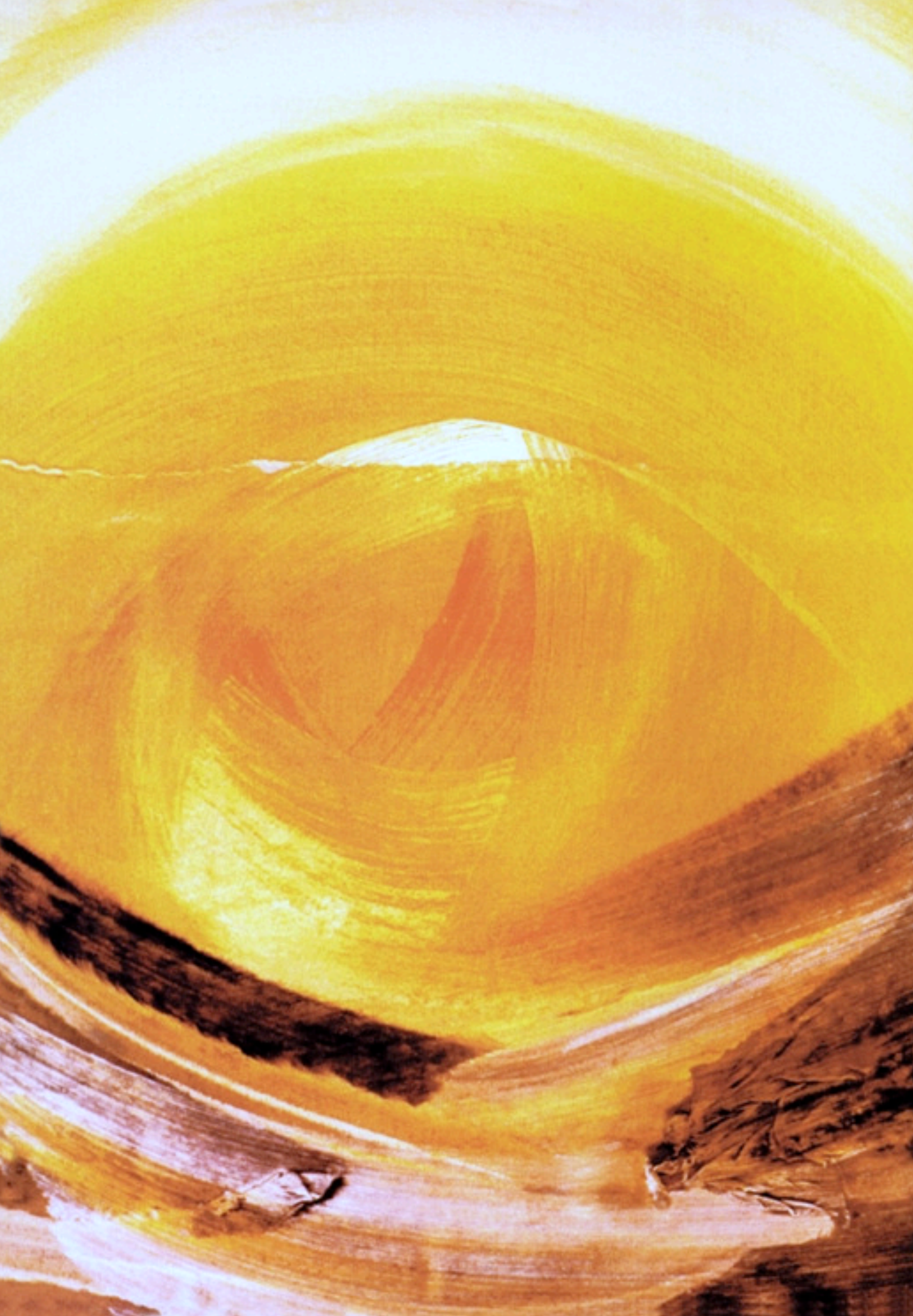
Elas acabam se perguntando qual seria realmente o lugar delas neste palco terreno em que continuamente surgem atores com comportamentos multimilenares. Elas vêem que faz muito tempo que cada um representa um papel e que todos contribuem para a tragédia mundial que se desenha cada vez mais nitidamente. Muitos ficam desesperados e se refugiam em novas ilusões como a droga, a utopia, o virtual, o esoterismo, ou até mesmo em um cinismo decadente. Mas ninguém pode escapar das leis do cosmo, e menos ainda evitar o confronto com a força inquietante e desconhecida que toca e agita o ser por inteiro, essa Força pura e inviolável que provém da Fonte primordial da vida e que deseja se manifestar nos seres humanos. Mas eles fogem dela! No entanto, a lei espiritual do Cristo cósmico flameja para esclarecer-lhes que: *Eu e o Pai somos Um*.

Com ironia e sarcasmo, o intelecto se entrincheira num mundo de pensamento materialista. Mas o coração aprisionado fica com medo e se torna

cada vez mais nervoso quando desconfia que a Força original grita «Pare!» a todos os que, na terra, possuem um desejo desvairado por experimentação.

Entre as pessoas que vivem esse conflito interior, um número cada vez maior tem a capacidade de dar uma olhada nos bastidores. Assim, elas observam e vivenciam que a vida cotidiana não passa de aparência e que certos fenômenos mantêm sistematicamente a ilusão deste mundo. É por essas razões que elas tentam romper a velha carapaça que as aprisiona, não somente com sua inteligência, mas também com os poderes de que dispõem.

Assim como os pintainhos rompem a casca do ovo, elas querem romper a imagem rígida que geralmente se tem do ego. Se este fenômeno acontecesse em grande escala, a humanidade poderia fazer nascer uma nova consciência – nova porque mais profunda. Os frutos de inúmeras experiências enriquecedoras amadurecem o homem. Durante muito tempo a coerção dos sistemas baseados no exterior das coisas preservou o princípio espiritual central, porém isolou-o da realidade que agora se manifesta com força. O verdadeiro fundamento da vida, a Força que liga o centro do macrocosmo ao centro do microcosmo, deve ser liberada. A alma divina deve despertar para nos fazer empreender um processo de purificação e renovação, para nos incitar a nos tornarmos homens novos e para nos impulsionar para o nascimento do verdadeiro homem espiritual. A lei espiritual superior: *O Pai e eu somos Um* revela-se e coloca suas exigências para a humanidade extraviada.



DESEJO DE RESTABELECER O VERDADEIRO FUNDAMENTO DA VIDA

O drama da humanidade não tem solução. Mas, quando o desejo de encontrar o verdadeiro fundamento da vida provocar golpes de aríete que racham a parede da prisão, a angústia começará a desaparecer. Quando nos tornamos conscientes de nossas fraquezas, de nossas ações erradas e de nossas próprias mistificações, estamos arrancando velhas máscaras. Apesar disso, as paredes de nossa prisão são mais sólidas do que pensamos. Quem construiu e reforçou estas paredes foi o próprio «anjo decaído», o microcosmo apartado do Pai! No entanto, se compreendermos que é preciso aniquilar o «eu sou» para poder libertar a alma original, virá uma Força dinâmica para sustentar o trabalho do livre-construtor. Tornar-se consciente é demolir o que é velho quando ele já não tem nenhuma serventia para o homem renovado. No entanto, o entulho e os escombros da demolição obstruem por muito tempo ainda a visão do buscador. Ele ainda espera alguma coisa que venha de fora, por mais que o objeto de seu desejo somente possa se revelar interiormente. O novo pequeno lampejo que penetra em algumas circunstâncias favoráveis é rapidamente desviado pelo intelecto em seu próprio proveito, ou falsamente interpretado pelo coração, ou seja, de modo místico.

O desejo deve inflamar-se a partir do núcleo espiritual do microcosmo. Esta fome não pode ser saciada com «pedras» do mundo do ego, mas somente pelo pão da Verdade, a Força crística que emana do silêncio. À medida que o buscador se torna consciente das ilusões de sua mentalidade e de sua emotividade, as paredes de sua prisão começam a ceder. Elas vão ficando transparentes até formarem como que uma urna de vidro onde a nova alma, desperta, abre os olhos.

Mas esse estado ainda não foi alcançado. O livre-construtor de que falamos descobre, para seu grande espanto, que ele somente adorava ídolos: seu status social, seus dogmas, suas idéias e preconceitos duros como ferro. Ora, estas ilusões se opõem diretamente ao Espírito central que cria, organiza e retifica tudo! O Espírito do macrocosmo se reflete em todos os microcosmos. Estes pertencem a ele, respiram e vivem no mesmo ambiente espiritual, ambiente cujo desejo vivifica os microcosmos e os leva a restabelecer sua ligação com o Espírito, se eles dele se desviaram.

O BUSCADOR SE TORNA CONSCIENTE DE SEU CENTRO ESPIRITUAL

A consciência do núcleo espiritual de nosso ser constitui a base sobre a qual podemos alicerçar nossa vida. Portanto, é este centro que deve ser despertado, pois somente ele pode estimular a vida pura e verdadeira. *O Reino de Deus está dentro de vós!* Como pudemos nos esquecer disso?

Quem não tem consciência da presença desta centelha espiritual, desta rosa do coração, como a chama a Rosacruz Áurea, bate inutilmente contra as paredes da prisão. Ou então, flutua como um astronauta, girando em círculos, à deriva, e, persuadido de que já chegou, empreende uma viagem que o afasta do ponto onde brilhava para ele o único lampejo de esperança! Então ele se perde no labirinto do universo que ele mesmo criou para si. É por essa razão que a fé que vem do Pai, a esperança que vem do Filho e o amor que vem do Espírito vivificante devem guiá-lo em seu caminho interior. Sem estas três forças, ele não poderá dar nem sequer um passo, mesmo que pareça ter atingido alturas incomensuráveis. Estas forças no labirinto aural mostram a senda que faz chegar ao coração do Todo. *Eu sou o caminho, a verdade e a*

O irrompimento
do sol áureo.
Ilustração
Pentagrama



2Decorações,
Extraídas de The
decorative
Illustrations of
books de Walter
Crane, 1896.

vida (João, 14:6), diz Cristo, o mediador universal entre o coração do macrocosmo e o coração do microcosmo. Mani diz: *Todos os santificados repousam, concêntricos no Uno*. No momento em que alguém percebe seu centro espiritual básico e o vivencia interiormente, liga-se novamente a todas as outras centelhas espirituais. Estes centros formam uma unidade e somente o «eu» se afasta e não participa dela. O Filho e o Pai, o microcosmo e o macrocosmo divinos, são unos segundo seu núcleo espiritual. Da mesma forma, o núcleo espiritual daquele que se liberta das prisões que ele mesmo forjou, em princípio, se torna novamente uno com o seu núcleo espiritual.

PIONEIROS TORNAM A HUMANIDADE CONSCIENTE DO NÚCLEO ESPIRITUAL CENTRAL

O desejo de libertação interior e os atos que daí decorrem vivificam pouco a pouco o núcleo espiritual do ser. Assim, logo parece que a «terra» em que esta semente fundamental se encontra é capaz de satisfazer as condições exigidas. O alento da Gnosis, a água viva da substância primordial e a

luz do sol espiritual que penetram nessa semente, alimentam-na e irradiam sobre ela, fazem-na germinar: assim floresce uma rosa de sete pétalas.

O candidato que está na senda da libertação interior vive todas as fases deste maravilhoso processo alquímico e colabora com ele cada vez mais conscientemente. Muitas vezes ele cairá, mas também a cada vez se levantará! A perseverança exige coragem e compreensão, pois não se trata de um processo que se desenvolve durante um pequeno momento de liberdade: ele é longo e às vezes penoso, se bem que algum tempo pode passar antes que surja qualquer resultado. Mas o pioneiro que está a caminho não se deixa abater e continua voltado para a Força crística que o libertará. Quando muitos seguem este processo e se reúnem, então constituem um grupo de pioneiros capazes de auxiliar a humanidade. Eles constroem juntos a ponte que leva à formação da nova consciência: a ponte que permite que inúmeros buscadores atinjam a meta. Eles interpeclam seus semelhantes, dizendo: *Acorde e vivenciem isto vocês mesmos! O macrocosmo e seu microcosmo têm o mesmo centro! A luz não está fora, mas sim dentro de vocês. O núcleo espiritual de seus corações está tentando se ligar à fonte de onde ele provém.*

Assim, o grupo de pioneiros contribui para abrir o caminho para a Fraternidade Universal que prepara a humanidade para entrar na nova era. A crescente intensidade das radiações da atmosfera estimula a compreensão interior. A lei espiritual que diz: *Eu e o Pai somos Um*, deverá ser reconhecida pelo coração. E a força do sol espiritual dinamiza o coração e a cabeça preparando-os para a nova consciência.

O PERIGO DA ESTAGNAÇÃO

A experiência demonstra que muitas vezes não falta compreensão, mas

Os aspectos opostos do espaço e do tempo são evidentes. The works of Jacob Boehme, the teutonic philosopher, William Law, 1764.

que esta compreensão não é seguida da realização do que foi reconhecido, nem da aceitação de suas conseqüências. Como este processo sutil pode estagnar facilmente! Como o buscador cai novamente, com facilidade, em antigos mecanismos! A cabeça foge da sabedoria do coração e forja para si novas representações mentais. Assim, a inteligência pode conceber que seu próprio sistema cósmico esteja baseado na unidade do macrocosmo e do microcosmo. É possível estudar de forma unicamente intelectual a idéia da transfiguração que é ilustrada pela metamorfose da lagarta e da borboleta, sem realmente vivenciá-la. Desse modo, podemos estagnar na senda sem utilizar as imensas possibilidades concretas desta lei cósmica.

Durante dois mil anos, o mistério teológico do Cristo foi abordado de maneira dogmática e projetado para o exterior do ser humano: assim, não permitiu que ele abrisse as fontes espirituais de seu próprio coração.

TRÊS AUXÍLIOS CRIAM NOVAS POSSIBILIDADES

Voltemos ao ponto de partida. A prisão do ego reveste o homem com trevas e matéria grosseira. Esta «carapaça», que os maniqueus chamavam de «hilo», o mergulha na escuridão e na matéria densa. Agora, se o ego aprender a se ofertar ao núcleo espiritual de seu coração, e harmonizar com ele seus pensamentos, seus sentimentos e suas ações, esta carapaça se tornará cada vez mais transparente, e a irradiação deste foco espiritual abrirá um caminho para organizar progressivamente o microcosmo inteiro.

O homem biológico pode colaborar com este processo evitando interferir com o ego, e submetendo ao princípio que floresce seu coração, sua cabeça e suas mãos.

Também podemos chamar estes três

núcleos de amor, luz e vida. Com relação aos três «novos» planetas dos mistérios, Urano, Netuno e Plutão, que fazem sentir sua influência para ajudar a humanidade a atravessar o umbral da nova era, trata-se de energias que pertencem a uma espiral superior. Urano demole o amor ilusório e leva ao amor puro e onipresente do sol espiritual. Netuno desagrega as estruturas e os modelos cristalizados das idéias e desenvolve pensamentos universais nutridos pelo Sol espiritual. E Plutão demole tudo o que o ego extraviado construiu como imagens ilusórias, e nos coloca diante da edificação de um novo templo interior.

Estes três processos de decomposição e de dissolução fazem morrer a velha consciência – e, do fogo desta desintegração interior, ressuscita, como uma fênix, a nova consciência.

Branca de Neve, a princesa dos contos de fadas, jaz como morta em seu caixão de vidro, e, no momento em que regurgita a maçã envenenada, retorna à vida. Então ela vê o filho do rei. A Alma encontra o Espírito.

A construção do novo templo somente é possível quando deixamos para trás, no túmulo, a antiga consciência. O Amor, a Luz e a Vida, ou seja, o coração, a cabeça e as mãos que se tornaram puros, colocam os alicerces do novo templo de cristal de doze portas, cada uma delas constituída por doze pedras preciosas que simbolizam as aberturas pelas quais entra a irradiação do Sol Espiritual. Logo que isto seja alcançado, o sol e a lua terrestres já não são necessários. A ligação entre o coração do macrocosmo e o do microcosmo é restabelecida. O microcosmo, assim revivificado, pode então ser comparado a «uma rosa de luz na árvore microcós mica».

Meus irmãos, eu recebi novamente a veste de luz e a coroa de luz neste mundo, mas não deste mundo, testemunha o maniqueu, rejubilando.

QUEM DEU FORMA AO VAZIO?



Lao Tsé diz: «Não toqueis no vaso que está cheio». Vós o sabeis: esta é a chave. O filho de Deus possui uma taça transbordante, que é a rosa de sete pétalas, o cálice em forma de lírio de sete pétalas, a taça do Graal no coração. Ele é um filho de Deus porque possui este vaso sagrado que representa o reino de Deus em nós: o átomo original encerra um universo; ele encerra o universo inteiro.

(J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri, *De Chinese Gnosis*, Haarlem, Rozekruis Pers, 1987)

«A essência é imaterial.

A essência é sem forma.

O cérebro físico pensante não pode definir o que não tem forma.»

(Lao Tsé)

Tudo o que é visível é alimentado, influenciado e dirigido pelas forças invisíveis dos planos etéricos. Estas forças – irradiações – preenchem todo o espaço. Nada pode nascer nem existir fora de sua atividade. A personalidade depende também de forças que agem no espaço que a cerca. Este espaço corresponde ao campo de respiração, que também é circundado pelo campo aural do microcosmo. Nele, atuam doze forças eletromagnéticas provenientes do cosmo através do zodíaco. Na fronteira entre o campo aural e o campo de respiração são estocados os resultados das encarnações anteriores. Sob a forma de pontos de energia, estes resultados constituirão a próxima personalidade, com suas qualidades e defeitos.

A partir deste registro do carma individual, o ser aural atrai as forças das quais ele tem necessidade e rejeita as outras. Estas forças que provêm do cosmo entram pela pineal e são transmitidas aos doze pares de nervos cranianos. Desse modo, a personalidade é ligada com o carma do microcosmo – mas não somente com ele.

As irradiações provenientes dos doze signos do zodíaco também são tingidas com o carma da humanidade. Todos os sentimentos, pensamentos e ações dos seres humanos aí



estão inscritos e influenciam a natureza das energias cósmicas iniciais. Assim se formaram poderosas concentrações de energia que, por sua vez, exercem sua influência sobre a humanidade e modificam seu domínio natural.

As forças do zodíaco macrocósmico e microcósmico se derramam na pineal; o raio de ação do ser original fica limitado, encapsulado, e finalmente é reduzido a um único átomo divino: nós o chamamos de último vestígio da vida original divina. Ele constitui o centro do microcosmo, como o eixo é o centro em torno do qual a roda gira. Este núcleo está adormecido, assim como a Branca de Neve e a Bela Adormecida são princípios adormecidos.

Trata-se de um princípio que dorme até que o microcosmo tenha atravessado tantas encarnações e acumulado tantas experiências, na maioria mal sucedidas, que a personalidade começa a se indagar para que serve a vida. Ou então, como disse um dos personagens do autor americano Isaac Bashevis Singer: *Quem inventou minha vida?*

Quando este grito de desespero ressoa é porque o ínfimo átomo do coração está dizendo algo. Ele emite um impulso que a personalidade perturbada vivencia como algo proveniente de uma outra realidade. Nesse instante decisivo produz-se uma abertura: é a possibilidade de experimentar essa outra vida, não terrena, de perceber ao

menos um frágil lampejo dela. Isto pode ser suficiente para exaltar a eterna busca pela verdadeira Vida. Abriu-se uma brecha na carapaça que encapsula o átomo, a centelha do coração, e o ser fica, com isso, completamente transtornado. É uma grande comoção! A pessoa sente muito bem a pressão que é exercida do interior, mas ainda não sabe que se trata do chamado da eternidade. Essa perturbação impulsiona o homem a buscar. Ele aspira à elevação, abre sua consciência, parte para a descoberta e fica muito feliz quando descobre vestígios de sua busca nas antigas civilizações. Ele vivenciará isto muitas e muitas vezes, mas será como areia correndo entre seus dedos. Ele busca e luta até esgotar todas as suas forças e sua vida. Uma nova chance lhe é oferecida e, vagando no berço, ele vai recomeçar tudo. Desta vez, ele está melhor armado, melhor preparado, mais consciente e parte novamente para a aventura neste vasto mundo, com a esperança de ser arrebatado no mais profundo de seu ser. Ele rumará para a direção certa porque compreendeu que o vaso que procura, o vaso sobre o qual fala Lao Tsé, é ele mesmo! Um vaso que somente tem utilidade quando estiver vazio de tudo o que está acumulado e preenchido da força eterna que o faz ressoar no tom certo.

A NECESSIDADE DA MATÉRIA

*«Trinta raios convergem para o centro da roda.
Eles convergem para a causa.
Em resposta, o centro irradia.
É assim que acontece com a alma humana.
O centro das emoções a partir do qual
nascem as ações.*

*O espaço entre os raios é a essência da roda.
A manifestação da forma esconde a essência.
A forma, como uma muralha, cria o espaço
ao redor do vazio, como a canção toma
forma quando a cantamos.*

*O vaso é feito de argila.
Quem deu forma ao vazio?
Quem extraiu um vaso da vacuidade?
Como a tempestade nasce de um céu sereno?*

*Como preencher o vazio, criar a
partir do vazio?
Quem descobre este segredo
desperta de seu sono.*

*Paredes, portas, janelas: eis a casa construída.
Mas entre portas e janelas habita a essência.
Tronco, cabeça, braços e pernas formam o corpo,
mas qual é a força que os reúne?*

*A matéria diz ser uma necessidade,
como o pensamento que, querendo
explicar a si mesmo,
expressa-se oralmente ou por escrito.*

Assim, o caníço nos ensina a nos curvar.

*A essência é imaterial.
A essência é sem forma.
O cérebro físico pensante
não pode definir o que não tem forma.»*

*Tao, Consciência universal, paráfrase de
C. van Dijk, capítulo 11.*

O QUE É O PECADO?

«Na pessoa de Jesus Cristo se manifesta a realização total do princípio cristico. Este princípio se opõe ao pecado. O pecado começa por apartar o homem de Deus, depois, de seu próximo, e termina por brunir as armas de guerra dos povos. Ele constitui um processo de decomposição. Em contrapartida, o princípio cristico é aquele que dá vida ao espírito».

Prof. A.H.de Hartog (1869-1938)

O homem original abandonou o mundo da unidade e da harmonia e entrou no mundo da multiplicidade dos opostos. Ele abandonou o Paraíso e se rebaixou na matéria. Nos mitos, este acontecimento é denominado a queda. O conceito de «pecado» significa a separação da unidade original. O homem se torna pecador assim que começa a desenvolver o seu eu e, desse modo, começa a se apartar da unidade à qual ele pertencia até esse momento. Em decorrência disto, ele coloca seus pensamentos, seus sentimentos e suas ações sob as leis da dualidade. Nesta região do espaço e do tempo, tudo é sistematicamente demolido para preservá-lo de um maior endurecimento e cristalização. Ao desenvolver seu próprio egocentrismo, ele se torna um buscador incansável.

Nos textos hebraicos, «pecar» também significa «carecer, não estar mais

ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA:

Tanto para os cristãos como para os judeus, o pecado é a oposição intencional à vontade de Deus.

ENCICLOPÉDIA BROCKHAUS:

Pecado é uma perturbação da relação entre Deus e o homem.

disponível». Em certos textos gregos, fala-se de «errar o alvo, não atingir o ponto». Esta falha ou defeito é o resultado do fato de estar voltado para o eu, que está na origem da vida humana no mundo dos opostos. O homem sempre tem de escolher entre esses opostos. E cada decisão tomada nesse estado de «apartado» somente pode ser imperfeita, dividida, exclusiva e, conseqüentemente, pecadora do ponto de vista da eternidade. Não se pode reprovar o ser humano pois ele não pode agir de outra maneira: é a sua natureza. Quando ele pensa em fazer o bem, chama justamente as forças opostas que ele tanto queria evitar. As manifestações e ações

A definição humana do pecado, aqui representada em vários quadros, depende também da imagem cultural à qual ela é aplicada. Em sentido universal, o pecado não está ligado a nenhuma norma relacionada a moralidade ou moral. Geralmente as pessoas associam o conceito de pecado à definição de mal em vigor. Como o que é bom para uns é mau para outros, o desequilíbrio sempre fica maior e assim cresce a distância entre o ser humano e a Unidade original do universo. O místico árabe Gunaid escrevia no século XIV: «Eu me perguntava: onde está o meu pecado? E logo uma voz me respondeu: o pecado é o que tu és e não há nada que seja mais grave do que isto».



BUDISMO:

Os homens não são culpados, mas sim cegos e ignorantes. Eles produzem sua própria infelicidade, com suas próprias ações.

«contra» um determinado mal geralmente provocam o resultado oposto, e novas «falhas» acontecem. Assim, a cada passo o homem peca e se distancia sempre mais da ordem divina. Mas como sempre deseja encontrar soluções para os problemas, ele se torna cada vez mais sujeito a todos os tipos de misérias provocadas por ele mesmo, a tal ponto que, finalmente, acaba pensando que precisa procurar a verdadeira porta de saída.

Assim, a vida no mundo dos opostos nunca pode ser vivida sem culpa, faltas e pecados. A desarmonia que a vida cotidiana imprime na consciência pode, por exemplo, se manifestar por meio de doenças. Afinal, tudo o que o ser humano empreender baseado em seu eu fará com que ele fique ligado às limitações que a polaridade deste

mundo impõe. Da mesma forma, não querer fazer algo, ou negligenciá-lo, é um comportamento que tem suas conseqüências. Este caminho é inevitável. Sob o ponto de vista da eternidade, o fato de pecar não é alguma coisa em relação à qual possamos culpar outra pessoa. No entanto, o homem-eu tem necessidade de se opor a seu próximo, de julgá-lo e até mesmo de condená-lo. E é assim que, a partir da perspectiva humana, os conceitos de pecado, erro ou culpa estão ligados à moral em vigor e à ética de uma determinada cultura. O que é erro em um país pode ser um mérito em um outro. Entretanto, os seres humanos são conduzidos por um plano superior e eventualmente são corrigidos pela lei imutável de causa e efeito.

O equilíbrio rompido por uma única gota d'água.

Foto Pentagrama

SABEDORIA UNIVERSAL:

«A consciência do pecado consiste no fato de o homem espiritual verdadeiro tornar-se consciente de seu aprisionamento, tornar-se consciente de seu estado atual». (Rijckenborgh, J. v, *a Arquignosis egípcia*, t.1, São Paulo, Lectorium Rosicrucianum, 1984).

O MÍSTICO E POETA ANGELUS SILESIUS (1624-1677):

«O homem pecador nada vê; quanto mais trabalha e corre, impulsionado por sua própria vontade, mais se entrega ao pecado».

ENSINAMENTO CRÍSTICO:

Pecado é o estado daquele cuja comunhão com Deus foi rompida. (Primeira Enciclopédia Sistemática Holandesa, ENSIE, 1952).

Onde está a saída? Quem busca verdadeiramente a saída, não como um passatempo, ou porque poderia ser prazeroso e interessante, mas sim por pura necessidade interior, nada pode fazer a não ser mudar, passo a passo, sua maneira de ver. Ele reconhece que não tem nenhum sentido fugir jogando a culpa e a responsabilidade em outra pessoa, nem no estado social, econômico ou político. Afinal, somente ele é responsável por tudo o que se passa dentro de seu microcosmo! Finalmente, conseguirá ver que seu isolamento é o preço de uma exis-

tência egocêntrica que seu microcosmo escolheu livremente.

A partir de todas estas considerações, concluímos que a vitória sobre o pecado deve ser uma vitória sobre as forças opostas. O primeiro passo para sair das forças opostas aniquila tudo o que faz com que o homem seja um pecador. Uma religião que quer curar o homem do pecado deve não somente mostrar-lhe o caminho, mas também ir à sua frente no caminho que o conduzirá para onde já não existe mais separação entre o homem e o divino. Vencer o pecado é vencer o egocentrismo, que é a causa da separação, da doença e da morte.

Os oito imortais do taoísmo gozando da vida eterna do paraíso de ouro verde.
Gravura sobre madeira

HINDUÍSMO:

Pecado é a transgressão intencional da lei divina. O que o homem chama de pecado é a ignorância.



A ALQUIMIA DOS MISTÉRIOS DO OCIDENTE

Existem mistérios ocidentais? A cultura ocidental tem a reputação de ser desmistificante, de olhar com distanciamento tudo que diz respeito aos mistérios. O ocidental é um ser racional. Ele tenta, com sua razão, levantar o véu de tudo que tem um perfume de mistério, reduzindo-o a uma fria exposição de fatos comprováveis.

Os gregos tinham os mistérios de Elêusis e os mistérios órficos. Pitágoras tinha sua escola de mistérios. Esses mistérios falam ainda a nossa imaginação porque se apóiam em elementos mitológicos. Eles constituem a base do pensamento ocidental quanto à aplicação das idéias. O mito da caverna de Platão, por exemplo, é sempre útil para descrever a situação do homem. Ele ajuda a compreender que o mundo que percebemos é ilusório. O pensamento grego, todo impregnado desse conceito, nos mostra, ainda hoje, o que temos de realizar neste mundo. No passado remoto, os pensamentos indiano e egípcio já davam uma importância primordial aos conceitos de oposição e de ilusão. Desperto e atento, o ocidental, com seu senso prático, quer viver na realidade. Ele não deixa nada escapar. A partir de Sócrates, e sobretudo desde Aristóteles, o homem escolheu por mestre a natureza, e seu espírito independente tomou amplitude na vida em sociedade. Os mistérios do Ocidente se relacionam com as forças gêmeas que fazem mover o mundo sensível, forças opostas umas às outras, positivas e negativas, dando impulso e rece-

bendo-o. Aquele que pode elevar-se, em sentido espiritual, acima desta oposição, se encontra no limiar dos mistérios ocidentais.

UM PROCESSO DINÂMICO DE MUDANÇA INTERIOR

No século XVII, os antigos mistérios tornaram-se novamente atuais, sendo novamente fundidos e adaptados ao europeu em mutação. Eles são conhecidos através d'*As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, uma obra de Johann Valentin Andreae, escrita em alemão e publicada em Kassel em 1616. Esses mistérios, contados em estilo floreado e feérico, provocaram uma enxurrada de publicações e de reações de oposição a seu caráter insondável. Esse «conto» pode ser considerado como a base dos mistérios ocidentais dos tempos modernos.

As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz não é exatamente um conto; é a descrição de um processo dinâmico de mudança interior. O caráter ocidental da obra é para que o processo seja tornado público, pois antes, jamais os mistérios foram dados sob forma escrita. A Bíblia, ela mesma, foi traduzida em linguagem popular por Lutero. Antes disso, seu conteúdo era privilégio daqueles que sabiam o latim. O gênio ocidental é também assinalado pelo fato de que *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz* são cristocêntricas; seu fundamento é uma doutrina de salvação absolutamente crística que se exprime no próprio nome do candidato às

núpcias alquímicas: Cristão Rosacruz. Enfim, a abordagem matemática e numérica do processo de transmutação é também, nessa época, tipicamente ocidental.

O que é a alquimia dos mistérios cristãos ocidentais? De onde provém a misteriosa dinâmica das núpcias alquímicas? Antes de nos debruçarmos sobre a questão, importa deixar de lado o romanesco; por exemplo, não tomar ao pé da letra a fabricação do ouro. Embora haja também notas concernentes à fabricação do ouro material, os rosacruzados do século XVII dearam a compreender, sem rodeios, que só há uma alquimia e que esta alquimia é o processo de fabricação do ouro espiritual, no qual a vida inferior, biológica, é transmutada numa vida espiritual mais elevada.

NEM O BEM NEM O MAL O CORROMPEM

O ouro é o símbolo daquilo que existe de mais puro e mais nobre sobre a terra. Sua estrutura é tal que, mesmo com a espessura de um décimo milésimo de milímetro, ele não se rasga nem se rompe. Uma bolinha de um grama pode ser esticada até trinta e cinco quilômetros de comprimento. Dizem que o ouro é um metal nobre porque ele não se liga a outros metais e não cede nenhuma de suas propriedades. Na natureza é muito raro encontrá-lo misturado.

Da mesma forma, o bem espiritual mais elevado é livre de toda impureza terrestre. Nem o bem nem o mal humanos o corrompem. É o bem absoluto. É o ouro espiritual. Só pode ser fabricado depois que o bem e o mal foram neutralizados. Nesse equilíbrio perfeito, o homem liberta-se das amarras tecidas pela oposição do bem

e do mal. A fabricação do ouro, segundo os rosacruzados do século XVII, era um processo tirado da prática da vida verdadeira, um processo de transmutação – uma alquimia – do inferior ao superior, do mais baixo ao mais elevado.

A concepção moral do bem e do mal não constitui uma base a partir da qual possamos dissolver sua oposição. É preciso, para isso, uma virtude, uma prática de vida, sem relação com a noção moral de «bem». Em nossa época, é somente nos mistérios ocidentais que a cabeça e o coração podem aprender como satisfazer, juntos, essa exigência básica. O coração sozinho não basta, e a cabeça sozinha, também não. Para a humanidade que entrou na nova era, o desvendamento deste mistério pede o engajamento do inteiro ser; portanto não unicamente pensamentos e sentimentos, mas também atos que resultam do equilíbrio dos dois. Quando empreendemos este processo em boas condições e com os meios requeridos, começa a fabricação do ouro espiritual. A cabeça, o pensamento, serve para compreender o que o novo desenvolvimento impõe; o coração é a porta pela qual passa o processo de renovação; o comportamento que decorre disso é o próprio processo alquímico. Esta transformação é também chamada transmutação, primeira condição da transfiguração. Fazemos, às vezes, a relação com os metais porque eles têm propriedades que correspondem às diferentes fases deste processo.

POSSUIR A MISTERIOSA VIRTUDE E PRATICÁ-LA

O alvo da química espiritual, como ela é descrita na obra do século XVII *As núpcias alquímicas de Christian*



Rosenkreuz, é o expulsar completo daquilo que é inútil e a fusão do que é útil de modo que a essência divina possa se manifestar na «veste áurea de núpcias», também chamada a «túnica inconsútil»: é o veículo da alma renascida, constituído de energia não terrena e que representa a base do desenvolvimento almejado por Deus.

Deste modo, o homem possui a misteriosa virtude e pode praticá-la,

ainda com a condição de que o núcleo da alma imperecível esteja presente nele, pois é do núcleo que ele recebe a força, a Gnosis, que torna possível o processo de renovação, que prepara a alma para a ligação com o Bem mais elevado, para suas núpcias com o Espírito. A alma poderá, então, transmitir a força recebida para seus semelhantes e incluí-los no processo de renovação que finalmente abarcará

O erudito
Gerard Dou,
ca. 1630, museu
Hermitage, São
Petersburgo

toda a criação, a qual não é estática, mas se renova a cada segundo, quer o homem queira ou não seguir neste sentido, quer ele participe disso conscientemente ou não.

N'As núpcias alquímicas de *Christian Rosenkreuz*, o processo de renovação é descrito minuciosamente para permitir, aos que querem, entrar e alcançar o alvo: restabelecer a ligação com o Espírito. É o mesmo caminho que Hermes Trismegisto descreve nos mistérios egípcios a fim de preparar a humanidade para sua nova evolução. Ele estabelece a seguinte condição primordial: *tudo receber, tudo dar, para tudo renovar*.

O ouro material nos concerne a todos. O ouro espiritual também, não por causa de seu valor ou de seu brilho, mas por causa do amor divino eterno, a Gnosis, que irradia deste ouro e faz nascer no coração do homem o desejo de um bem superior. É o Amor perfeito que está acima das normas terrenas. O ouro, como o amor, testemunha da beleza. O Amor verdadeiro exprime e Beleza verdadeira e permite ao homem alcançar a vida superior.

O DESEJO DE SALVAÇÃO É A BASE

Onde começa a fabricação do ouro, segundo os mistérios do Ocidente? O ponto de partida se encontra em um coração voltado para e totalmente harmonizado com a fonte do ouro espiritual. Na base existe o desejo de salvação, segundo a terminologia dos rosacruzistas atuais, o desejo de cura. A transmutação dos metais só é possível a partir do momento em que este desejo entra em atividade, a serviço da transformação da alma, para preparar o ser inteiro para

a transfiguração. E descobrimos a oficina da fabricação do ouro: é o próprio homem, em todos os aspectos, em seu sistema inteiro.

Basta desejar o ouro espiritual, o Amor divino, para percorrer esse caminho? Não, pois a alquimia dos mistérios ocidentais necessita, além de uma base psicológica justa, uma sustentação fisiológica correta. É preciso que o desejo de salvação seja acompanhado de uma vontade incondicional para se submeter a esse processo revolucionário.

Neste processo, o sangue vai se transformar, assim como o fluido nervoso, a consciência e as glândulas endócrinas, o que também determina o estado sangüíneo. O sangue, o fluido nervoso, a consciência e as glândulas endócrinas são fatores importantes na totalidade do processo. Aí começa a preparação para as núpcias alquímicas.

Sem mudança, sem renovação interior, é impossível transformar o impuro – o chumbo, como o chamavam os alquimistas – em ouro. Eis o início da oferenda: renunciar ao que somos para dar lugar ao novo; sacrificar a eu-centralização em auto-rendição ao processo de renovação no qual o ser terreno submergirá. Esta é a principal exigência.

É eis o problema do homem com tendência materialista: o que ele pode e quer realmente abandonar? Ousará jogar-se nas profundezas, profundezas essas que não o atraem muito, porque ele não tem nenhuma idéia do que o aguarda?

O FILHO DE DEUS DE POSSE DE UM CORPO COM PODER MUITO LIMITADO

Até que ponto estamos dispostos a abandonar os antigos princípios? Isso

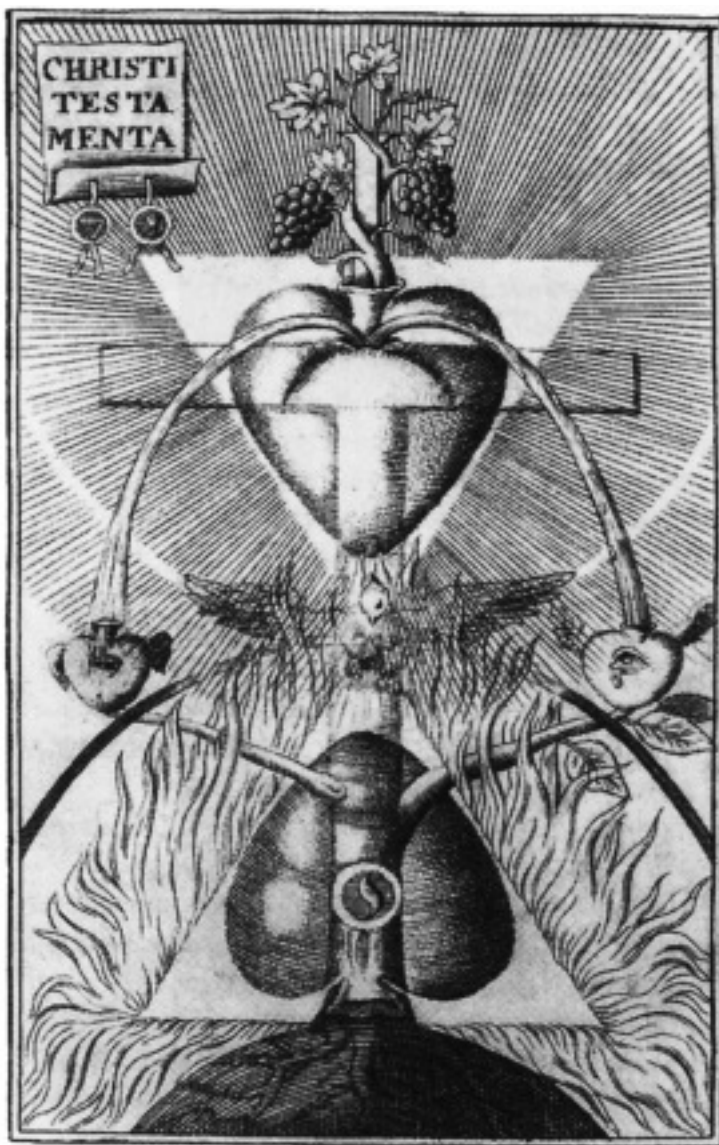


depende muito da imagem que temos da liberdade. É preciso dar o salto: o homem do século XXI deve escolher e aprender a sacrificar sua própria liberdade tão valorizada em benefício da liberdade de toda a humanidade.

O que fará o homem moderno, e em especial o ocidental, acorrentado ao materialismo? O que fará com a idéia

de que é um decaído filho de Deus de posse de um corpo com poder muito limitado? No desmascaramento que o atual período traz, testemunhamos o sucumbir de todas as imagens sacras e a rejeição da imagem de Deus como pessoa. O mais solene alicerce da obsoleta cultura cristã deixa de existir. Isso não é novidade. Nos séculos passados, filó-

Assim como é em cima, assim é embaixo. Apolo com a sua lira simboliza o equilíbrio perfeito dos elementos. Museum Hermeticum, Frankfurt, 1625.



O sangue do Cristo alimenta a alma fechada no corpo e transforma as trevas em luz. Jacob Boehme, *Theosophische wercke*, Amsterdam, 1682.

sofos como Espinosa e Nietzsche já mostraram isso. Depois das atrocidades da Segunda Guerra Mundial, não afirmaram Robinson, Primo Levi e Dietrich Bonhoefer que Deus estava realmente morto? Essas idéias e afirmações provocam grandes comoções.

O crente fiel tem dificuldade em admitir um Deus universal que não

aceita de modo nenhum motivações pessoais, carreira, situação, fracassos, etc. Essa descoberta devolve a cada um sua própria responsabilidade pois é bem verdade que colhemos o que semeamos! E se queremos nos comportar como animais, estamos livres. Mas, evidentemente, isso não é uma manifestação do ouro do Espírito!

Então, nenhum deus dirige o universo? Sim, é claro. É ele o deus dos hindus ou o do islamismo? O dos católicos ou o dos protestantes? Ou então o dos budistas, o dos xamãs... Segue uma lista infundável que preencheria páginas inteiras, pois cada um cria seu próprio deus – com ou sem a colaboração dos que seguem a mesma meta. Mas qual é esse Deus, esse único, esse Todo Poderoso que transcende tudo?

O OURO ESPIRITUAL FLUI EM TORRENTES

O buscador da verdade deve entrar em seu «apartamento interior». A expressão *vós sois deuses* não diz respeito à personalidade, mas ao núcleo áureo que se encontra no homem, o núcleo da vida superior. A veia áurea deve ser revelada a fim de liberar a Força, a Gnosis, que tece a veste áurea das núpcias, para assegurar a herança do ouro espiritual e realizar a grande lei de Amor.

As novas condições atmosféricas de nossa época permitem ao buscador, mais que nunca, preparar, no seu interior, o apartamento para a festa das núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz. Os iconoclastas modernos desentocam tudo o que é temporal, limitado e imperfeito. O perecível é cada vez mais desmascarado, o imperecível se desvela. A pura imagem do homem original torna-se visível

vel. Mas, também para aqueles que novamente estão a caminho de realizá-la em seu ser, com toda humildade, modéstia, benevolência e serviçabilidade, a humanidade consciente na alma e no espírito oferta a riqueza inesgotável do processo dinâmico da transfiguração.

O novo homem não argumenta e não se deixa manipular. Ele vive da realidade superior insuflada nele pelo espírito de Deus. Ele testemunha d'Ele e aquele que o ouve sabe que se encontra diante de um Cristão Rosacruz, de um ser que explora conscientemente seu caminho espiritual. O Amor divino tocou-o no coração e ele respondeu com um sincero «sim». Dessa forma, levando a rosa a desabrochar no coração, ele recebe o conhecimento superior indispensável ao processo de renovação interior.

Atar a rosa à cruz significa fixar no sangue a Gnosis, a força crística interiormente liberada. Eis como se realiza o processo de transmutação que libera o ouro do Espírito e o torna ativo.

O processo termina com um coroamento. O candidato voltou a ser um sacerdote-rei, porém não de um reino terrestre. Seu reino é o reino do Amor e dos tesouros incomensuráveis dos quais fala Cristão Rosacruz. Sua riqueza é oferecer esses tesouros gratuitamente a todos os que buscam a verdade, que querem dar seu antigo eu para encontrar o novo Ser. Permanecendo orientado sobre a fonte inesgotável da Gnosis, ele pára de pensar em si mesmo, superando suas próprias necessidades. Porque, se ele não fizesse isso, a fonte eterna não poderia mais atingi-lo.

«Quando, pelo vazio da matéria saciada, o desejo de Vida é preenchido, então, indulgente e sem piedade, não fazendo nada de coração pesado,

eu cruzo armas com as trevas do dia, confiante na Aurora reluzente.

O sol de uma manhã esplendorosa ilumina meu labor, que se torna uma festa. Assim toma forma, acima da poeira e das correntes, a linha de força do Espírito Áureo.»

BIBLIOGRAFIA

- UYLDERT, M., *Wezen em krachten der metalen* (A essência e as forças dos metais), Amsterdam, De Driehoek, 1977, bl.22;
RIJCKENBORGH, J.V., *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, São Paulo, Lectorium Rosicrucianum, 1993;
RIJCKENBORGH, J.V., *Confessio da Fraternidade da Rosacruz*, São Paulo, Lectorium Rosicrucianum, 1987;
SPINOZA, B.D., *Ethica*, Vele uitgaven sinds 1677.

DE ONDE VEM O CONCEITO «ALQUIMIA»?

Há um crescente interesse por temas como alquimia, mas tantas concepções divergentes, que a redação da PENTAGRAMA se propõe a fazer um apanhado geral para o leitor. Consultamos publicações dos últimos cinquenta anos e todas revelam que esta «ciência» misteriosa tem profundas raízes na história da humanidade.

Segundo Mircea Eliade¹, a alquimia é oriunda da metalurgia. Fundidores, ferreiros e alquimistas reclamavam para si uma ciência religiosa especial, guardada em segredo e somente transmitida através de rituais iniciáticos. Estas três corporações trabalhavam com a matéria, que era considerada viva e santa. Elas tinham como meta realizar uma transmutação. O ponto comum entre a metalurgia e a alquimia residia na interação do homem com os ritmos da matéria que era trabalhada. A terra, como fonte de vida, era considerada como santa, e cada mutilação devia ser reparada com uma oferenda. Os mistérios e os rituais iniciáticos dos metalúrgicos chineses ocuparam certamente um lugar importante no taoísmo e na alquimia chinesa.

Em seu livro *A alquimia, um processo psicológico*² Marie Louise von Franz explica que a matéria é divina aos olhos dos africanos. Uma divindade intervém em cada transformação. As pessoas recorrem às potestades divinas que exercem suas ações. Assim, o alquimista traz as modificações do reino das potestades divinas.

Os egípcios herdaram dos babilô-

nios e dos sumérios o conhecimento da fundição dos metais. A fundição do estanho, do ferro e do bronze, entre outros, era para eles um assunto religioso. Da mesma forma, eles consideravam a mumificação como um processo alquímico. O corpo era simbolicamente transmutado em Osíris, o princípio cósmico em cada ser humano. Mergulhado na matéria original, a água original, Noun, o homem se unia a Deus.

O autor suíço B.D.Haage³ faz referência a um manual do século III d.C., conhecido como o texto mais antigo deste tempo, intitulado *Physika kai Mystika*, que descreve os processos de purificação e de iniciação. As repetidas metáforas sobre o sofrimento, a morte e a ressurreição são tiradas dos mitos e dos cultos dos mistérios. Segundo Haage, a cirurgia tem seu lugar na alquimia ocidental que, por sua vez, vem da linhagem da alquimia árabe. Ele também menciona Paracelso e seus adeptos que, em busca da panacéia, utilizavam substâncias vegetais e animais. A alquimia já não se limitava ao reino vegetal.

O termo «alquimia» surgiu no século XII em traduções de textos árabes. É aí que encontramos a palavra «al-kimya», traduzida em latim por *akimia*, *aquimia*, *alchimia* ou *alchemia*. Alberto, o Grande (1193-1280) falava da *ars nova* (nova arte) ou de alquimia. Haage indica a origem da palavra *chemia* no livro de Enoque, segundo a descrição que Zósimo e outros fazem dela. No reinado dos Sassanidas (224-651 d.C.) foi fundada a academia de Gondisjapur e alguns outros centros científicos no Egito.



Ali as pessoas trabalhavam com textos traduzidos do grego e de outras línguas, tratados de Matemática, Física, Astronomia, Geografia, Medicina e também de Alquimia, alguns provenientes, sem dúvida, da Pérsia e da Mesopotâmia; obras de Tales, Pitágoras, Empédocles, Demócrito, Sócrates, Platão, assim como textos herméticos, como a «Tábua Esmeraldina». Passando pela península ibérica, os escritos árabes foram traduzidos para o latim antes de chegar aos alquimistas ocidentais da Idade Média.

O escritor H.W.Schütt⁴ localiza a origem da alquimia no Egito antigo. Segundo ele, o *Serapéion* (Templo do

Deus único) é a prova de que a religião e a filosofia gregas de um lado, e as artes divinatórias egípcias de outro, influenciaram-se mutuamente. Daí emergiu, mais tarde, a síntese da religião, da Filosofia e da Medicina que será determinante para o pensamento e o conhecimento dos primeiros alquimistas. Estes práticos se ocupavam principalmente de Farmacologia. Os gregos haviam depositado grandes esperanças na Medicina, herdada dos egípcios, principalmente na Cirurgia e na Anatomia. Pode-se reconhecer ainda a influência grega em alguns procedimentos alquímicos. As mesmas matérias e os mesmos

O laboratório alquímico original na antiga parte da universidade de Cracóvia, Polónia.
Foto Pentagrama

medicamentos são mencionados nos escritos alquímicos e nos textos médicos gregos. Os alquimistas fizeram experiências com metais para descobrir novos tratamentos. Os processos de digestão, de fermentação e de dissolução desempenham aí um papel importante.

O autor ressalta o caso da Química. Segundo ele, os alquimistas foram os precursores dos químicos. Ele cita Roland Edighofer: *O resultado da difusão da literatura dos rosacruzes fez que, no século XVII, muitos leitores retivessem da riqueza de sua mensagem apenas o lado fantástico ao qual estava ligada a alquimia.*

Que lugar ocupa o pensamento rosacruz do século XVII entre os antigos alquimistas e entre os alquimistas modernos? A alquimia era uma ciência secreta nas mãos de uma elite. Pelo menos é assim que a alquimia tradicional é apresentada. Mas esta imagem não convém ao cientista dos últimos séculos. Da mesma forma que a amplitude da Reforma geral – que rompe com as tradições – não convém à imagem do adepto clássico. Alguns textos rosacruzes falam da *prisca sapientia* (a sabedoria antiga, venerável) que remonta a Adão e a Moisés. Além disso, geralmente é estabelecida uma relação entre a Rosacruz e a Ordem dos Templários por causa de seus símbolos em comum, como a rosa e a cruz.

Peter Marshall⁵ começa sua busca da pedra filosofal na China e segue uma pista que passa pela alquimia indiana, egípcia, árabe, européia, até as luzes do hermetismo. Quando ele perguntou sobre a origem da alquimia chinesa para o professor Zao Kuang-Hua, este último respondeu: *Ela remonta a pelo menos dois séculos antes de Cristo, mas nós não sabemos exatamente. A alquimia vem do taoísmo. Todo alquimista é um taoísta, mas nem todo taoísta é forçosamente um alquimista. A alquimia é apenas um aspecto do taoísmo.* A alquimia

taoísta se baseia em três princípios cósmicos: o conceito de *chi*, o princípio do *yin* e do *yang* e, em terceiro lugar, a teoria dos cinco elementos. Chi é considerado como a energia que circula através do corpo e de todo o universo. Esta energia perpassa tudo: ela é a força de vida. Ela é perceptível. Os objetos materiais são constituídos de chi e é dessa força que tiram sua estrutura e suas propriedades.

Tao pode se dividir em dois princípios, Yin e Yang, duas forças opostas e complementares que operam no universo de acordo com um duplo movimento: centrífugo e centrípeto – assim como a maré alta e a maré baixa. No *Tao Te King* é dito que os seres vivos são envolvidos por yin e yang e que sua harmonia depende do equilíbrio entre os dois.

Os caracteres chineses que expressam Tao estão relacionados com trevas e luz. Yin é o aspecto sombrio, tenebroso, o lado norte da colina; e yang é o lado sul, luminoso, ensolarado. Na alquimia chinesa, yin é representado por um tigre, pela água, pela mulher, e yang é representado por um dragão, pelo fogo, por um homem. O alquimista tenta impedir a divisão para retornar à unidade, a Tao. Ele obtém o elixir áureo da imortalidade realizando a unidade em si mesmo e em seu laboratório.

O terceiro princípio cósmico quer que todos os processos e todas as substâncias no universo sejam formados por cinco elementos (*wu hsing*). A teoria dos cinco elementos remonta ao século X a.C. É importante não reduzir estes cinco elementos à matéria, como se faz no Ocidente com os quatro elementos (fogo, terra, água, ar). O pensamento chinês opera com processos e não com substâncias. Os elementos não são passivos. São cinco grandes forças tomadas em um movimento cíclico contínuo. O homem é constituído de cinco elementos: a essência, o entendimento, a vitalidade

(*ching*), o espírito (*she*) e a energia (*chi*). Os dois primeiros constituem a consciência; os três últimos são conhecidos como «os três tesouros».

Os cinco elementos correspondem aos cinco planetas visíveis a olho nu: Mercúrio-água, Marte-fogo, Júpiter-madeira, Vênus-metal, Saturno-terra. Cada planeta vibra em seu próprio tom: assim foi possível se falar em «música das esferas».

Na base da alquimia chinesa há a crença na existência de uma rede complexa e sutil de ligações entre as diferentes partes do universo, cujo conjunto forma Tao. É uma estrutura orgânica. Tudo transmite energia para tudo. Todos os elementos trabalham em conjunto e um não é mais importante do que o outro.

O Tao dos céus trabalha em segredo e de modo misterioso: ele não tem forma fixa, nem segue regras estabelecidas; ele é tão grande que não se pode ver o fim; tão profundo, que não se pode ver o fundo.

A característica específica da alquimia é combinar a Filosofia, a Religião, a Psicologia, a Arte, a teoria, a prática, a intuição e a experimentação. A alquimia é uma ciência holística que faz a ligação entre o intelecto, o corpo e o espírito. Os alquimistas chamam este grande trabalho de *Opus Magnum*, a Grande Obra, ou ainda de A Obra. De um lado, existem as experiências feitas em laboratório e, de outro, o trabalho pessoal de aperfeiçoamento interior. O alquimista parte do seguinte princípio: *O que está embaixo é como o que está em cima e o que está no exterior é como o que está no interior.* A transformação que se opera no plano material reflete o processo interior de transformação da alma.

A descoberta da pedra filosofal é, para o alquimista, o sinal exterior de sua meta interior. Portanto, existem duas interpretações de «alquimia»: uma interpretação exotérica, ou exterior, e uma interpretação esotérica,

ou interior. A ciência exotérica consiste na preparação da substância, a *pedra filosofal*: é aí que o metal pode ser transformado em ouro, com a finalidade de prolongar a vida – sendo que este aspecto desempenha um papel-chave na história e no desenvolvimento desta ciência.

A tradição esotérica considera a transmutação do metal em ouro como uma atividade simbólica, uma tentativa de transformar o homem feito de matéria grosseira em espírito sutil. E... obter nada menos do que o ouro da iluminação espiritual. Desde os tempos mais remotos, a tradição esotérica transmitiu o conhecimento da estrutura do mundo, do lugar destinado à humanidade no universo, da natureza do espírito e do objetivo da vida. Houve célebres alquimistas como Paracelso, o pai da Farmácia moderna; Jan Baptist van Helmont, que provou a existência dos gases; Johann Friedrich Böttger, que descobriu a fabricação da porcelana (na Europa) e Robert Boyle, que lançou as bases da química moderna. Podemos citar ainda Isaac Newton, autor de textos alquímicos.

Este breve resumo também deve mencionar Carl Gustav Jung⁶. Ele se interessou de perto pela alquimia, à qual recorreu na Psicologia. Suas idéias foram inovadoras e ainda são de grande importância, assim como sempre foram a Filosofia e a Psicologia junguianas. Ele estudou a separação e a reunião dos opostos no âmbito do inconsciente e da alma, de acordo com a simbologia da obra alquímica. Sua visão ampla lhe permitiu colocar em evidência algumas correspondências entre a busca da pedra filosofal e a idéia crística.

No livro *Confessio da Fraternidade Rosacruz*⁷, J. van Rijckenborgh explica como a Escola da Rosacruz Áurea atual encara a alquimia e seus bastidores. Segundo ele, há duas definições. A primeira vem da concepção literal da transmutação dos metais, a

arte de fazer ouro a partir de metais vis. A segunda, diametralmente oposta, vê esta transmutação como um processo essencialmente espiritual: é o ouro do Espírito que, após rompidas todas as ligações com os planos inferiores, se eleva a uma realidade superior.

A primeira concepção é um erro total; a segunda encerra, em relação à sua orientação, alguma verdade, mas não diz nada sobre a verdadeira Alquimia dos rosacruzes.

O que é a Alquimia? Um exame mais aprofundado retira o véu e nos faz descobrir de que se trata. Vivemos conscientemente, com nossos veículos materiais, na esfera química do mundo físico, no nadir da materialidade, num mundo constituído de um aglomerado de elementos, forças, minerais, metais. Este mundo corrompido, no qual nós vivemos, é atravessado por uma essência espiritual que é a força de Cristo. E esta essência espiritual tem como tarefa constante restabelecer o mundo material em sua pureza original e impulsionar a vida que aí se desenvolve a empreender o caminho traçado para ela. Para isso, Cristo, aquele que tudo preenche, dispõe do auxílio da Escola dos mistérios ocidentais. Atrás de cada processo de demolição e de renovação, encontra-se a Ordem da Rosacruz, cujo inteiro aparato trabalha ativamente em todos os domínios, a serviço de Cristo. Esta é a Alquimia da Rosacruz.

- 1) ELIADE, M., *Schmiede und Alchemisten* (Ferreiros e alquimistas), Stuttgart, 1960.
- 2) FRANZ, M.L.V., *Alchemie als ontwickelingsproces* (A alquimia como processo de desenvolvimento), Lemniscaat, 1979, 3.
- 3) HAAGE, B. D., *Alchimie im Mittelalter, Ideen und Bilder – von Zosimos bis Paracelse* (A alquimia na Idade Média, idéias e imagens – de Zósimo a Paracelso), Zúrique, Artemis und Winkler, 1996.
- 4) SCHÜTT, H-W., *Auf der Suche nach der Stein der Weisen; die Geschichte der Alchemie* (Sobre a busca da Pedra dos Sábios; a história da alquimia), Munique, Rasher, C.H.Berk, 2000.
- 5) MARSHALL P., *The philosopher's Stone* (A Pedra do Filósofo), Macmillan, 2001.
- 6) JUNG, C. G., *Psychlogie et Alchimie* (Psicologia e Alquimia); e *Mysterium Coniunctionis*, Zúrique, 1956.
- 7) RIJCKENBORGH, J. v., *Confessio da Fraternidade da Rosacruz*, São Paulo, Lectorium Rosicrucianum, 1987.

A ESTRELA DE BELÉM

Hoje, dois povos estão se destruindo em uma guerra fratricida e sangrenta, no mesmo local onde, segundo a lenda, Jesus nasceu, e onde foram colocados os alicerces do cristianismo. Cada um deles reclama para si as palavras históricas mais ou menos hipotéticas dos profetas, e ambos passam ao largo do significado espiritual da Estrela de Belém.

O firmamento está repleto de sinais e símbolos. Eles sempre foram conhecidos. Os grandes mestres, como Hermes Trismegisto e Pitágoras, já os ensinavam aos seus discípulos. Assim como é em cima, assim é embaixo. Estes sinais e símbolos são antiqüíssimas jóias escondidas nos cofres da doutrina universal. Eles representam o mundo interior do universo visível, mas, sobretudo, o mundo interior do homem. Podemos encontrar, entre a maior parte dos povos, a cruz sob as mais diversas formas, o hexágono, a rosa e o pentagrama, ou pentáculo, para citar apenas alguns desses símbolos. Estes sinais são dirigidos ao homem interior; eles são suscetíveis de incitá-lo à reflexão ou de impulsioná-lo à ação.

Geralmente, o que está por detrás de um símbolo é assunto controvertido entre os exegetas que, muitas vezes, transportam para eles suas idéias. Muitos são os símbolos preferidos por círculos esotéricos ou filosóficos, por corporações militares, ou ainda por sociedades comerciais. Bandeiras, brasões e logotipos se baseiam amplamente na simbologia.



Um símbolo como o pentagrama sempre foi objeto de vivo interesse. Já utilizado pelos egípcios, ele foi também altamente considerado pelos druidas sob a forma de uma estrela regular de cinco pontas chamada de «pé dos druidas». Para Pitágoras, o pentagrama era o símbolo do himeneu celeste: a fusão da alma com o Espírito.

Muitas vezes a Estrela de Belém foi relacionada ao planeta Vênus. Quando a observamos com um telescópio, em uma tarde de verão ou numa manhã de inverno, vemos um ponto luminoso de onde partem cinco raios. Visto da Terra, o planeta Vênus parece descrever, em seu curso de quarenta anos e três dias em torno do Sol, uma figura pentagonal (veja o desenho: Chr.Knight/R.Lomas, Uriel's Auftrag, Scherz Verlag, Berne, 2001).



Ele dava ao número cinco o nome de «número do homem no microcosmo». Entre os primeiros cristãos, o pentagrama representava Cristo, outra designação do alfa e do ômega, do começo e do fim. Os alquimistas medievais recorriam à estrela de cinco pontas como sinal da «quinta essentia», o quinto elemento, o éter-fogo, ou ainda o Espírito Santo. Giordano Bruno considerava o número cinco como o número da alma, por ser composto (como ele o é) de igual e desigual, de par e ímpar.

AS LINHAS DA ESTRELA SÃO
CORTADAS SEGUNDO AS RELAÇÕES DO
NÚMERO ÁUREO

Embora esféricas, as estrelas são representadas, geralmente, com pontas ou com um feixe de raios. O pentagrama comporta cinco pontas que, ligadas entre si, formam um pentágono, ao passo que, quando ligadas de duas em duas, representam uma estrela de cinco pontas, ou um pentáculo. As linhas retas da estrela de cinco pontas têm isto de especial: elas se cortam segundo as relações do número áureo – o segmento menor (p) está em relação ao maior (q), como o maior está para a linha reta inteira. Ou seja: $p/q = q/p+q$. Vamos imaginar um pentagrama cujo lado medisse milhares de anos-luz: a relação entre os diferentes elementos continuaria sendo invariável.

Suponhamos, agora, que cada linha seja uma linha de força, uma linha de luz: obtemos a imagem de um campo de força fechado em forma de pentagrama, no qual as forças em expansão retornam ao centro. Se acreditamos na doutrina universal, sabemos que existem diferentes universos compostos de inúmeros campos de força, cujas

CENTROS DE FORÇA ESPIRITUAL
ESPALHADOS PELO MUNDO TODO

«O número cinco representa o pentagrama, a estrela de cinco pontas que brilha por detrás da Rosacruz – símbolo da alma humana desenvolvida. É o símbolo do quinquagésimo dia, o Pentecostes, quando as chamas do Espírito Santo irradiaram sobre a cabeça dos discípulos. É o símbolo do Espírito Santo, do princípio eternamente criador que alcançou a plenitude de seu crescimento [...]. Seguindo a senda de Cristo e conformando-se à exigência do cristianismo gnóstico, o homem edificará a nova terra e realizará a nova comunidade.»

(O Chamado da Fraternidade da Rosacruz,
J. van Rijckenborgh)

relações mútuas estão submetidas à lei divina.

Goethe escreveu:

«Assim como no ser infinito,
a abobada de mil dobras
que, em ondas sempre renovadas,
escorre eternamente,
fechada sobre seu próprio poder,
de todas as coisas emana a harmonia:
da menor estrela até a maior delas.
Este impulso e esta luta
são o eterno repouso na divindade.»

Goethe usa esta metáfora em *Fausto*: no momento em que Mefistófeles quer se despedir de Fausto, ele não consegue atravessar o umbral porque um pentagrama aí está representado.

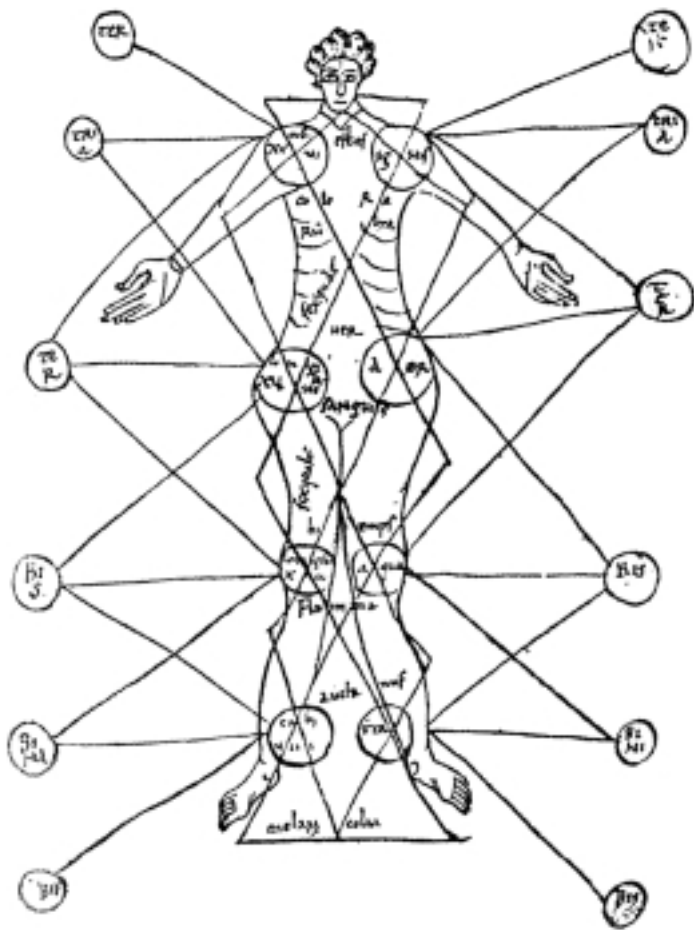
Mefistófeles diz:

«Na verdade, eu bem que iria embora,
mas existe um obstáculo à minha
partida: lá, sobre o umbral, este pentá-
culo...»

Ao que Fausto replica:

«Ah! É meu pentagrama que te causa
aflição?
Dize-me, filho do inferno, este obstácu-
lo não estava aqui quando entraste?»

A estrela de cinco pontas entre Ísis e o faraó Horemheb. Túmulo de Horemheb, Vale dos Reis, Egito.



Relação entre os humores do corpo e o zodíaco. Espanha, século II

Para o rosacruz atual, o pentagrama é o símbolo do novo homem, do homem verdadeiro. A doutrina universal ensina que existem duas almas no homem: a alma natural, cujo desenvolvimento resulta em um ser que pretende o domínio universal, e uma alma original, latente, no centro do ser humano, que suspira por libertação. Cada uma delas possui seus ritmos e suas próprias leis. Mas a nova alma somente pode nascer quando o eu, que se arroga a supremacia, se retira para segundo plano. É um longo processo no decorrer do qual a alma natural passa por profundas mudanças. É «o caminho que, através de espinhos, conduz às estrelas» (*per aspera ad astra*).

Os santuários cátaros das grutas do Ariège relembram este grandioso caminho. Há setecentos anos, a frater-

nidade cátara era muito ativa no sul da França. Era preciso cerca de quatro anos para que o aspirante pudesse alcançar a iniciação. Antes de se tornar um Perfeito e sair pelo mundo, ele devia submeter-se a uma última prova na gruta de Belém. Na parede rochosa estava escavado um pentáculo que indicava o local que ele deveria ocupar durante o esplêndido ritual que o consagrava à sua missão. Ele deveria manter-se ali, com as pernas afastadas, os braços estendidos, a cabeça levantada em direção ao cume. Seu novo estado de consciência o tornava, doravante, inatacável. «Ninguém no mundo seria capaz de vencer a Força misteriosa que ele representava», escreve Antonin Gadal no livro *O caminho do Santo Graal* ⁽¹⁾.

A LUZ DEVE NASCER NA ALMA

Por que identificamos o pentagrama com a estrela de Belém? Porque o nascimento da nova alma está relacionado com a festa do Natal. Suponhamos que a história da noite de Natal, contada no Novo Testamento, seja transposta para nossa época: os personagens mencionados seriam símbolos dos diferentes aspectos da alma, da alma que aspira à Luz! A Luz desce no coração humano para purificar e restaurar o conjunto do sistema: o microcosmo e a personalidade que nele habita. Enquanto nos entregarmos às nossas inspirações pessoais (por mais sérias e originais que elas sejam) o milagre do renascimento da alma ainda se fará esperar por muito tempo. Mas quando olharmos para nós mesmos e sentirmos a desolação e a exigüidade de nosso universo pessoal, crescerá em nós o desejo de libertação da alma. Assim, chega o momento em que o coração, cansado de lutar, reconhece a mão que lhe estende o Amor divino e ousa segurá-la. Como é dito em diversos Evangelhos: chega até ele uma res-

posta, por meio do Espírito Santo. Em outras palavras, ele experimenta o toque do campo de força purificador, renovador e curador. Não seria essa uma interpretação mística? Não, pois esta ação do Espírito representa ao mesmo tempo uma missão e uma graça. A Luz sempre deve nascer na alma – em uma alma quántupla, à imagem do pentagrama.

Também se trata de cinco fluidos que estão operando no sangue, no sistema nervoso, na secreção interna, no fogo serpentino e na consciência. O nascimento da Luz nas trevas da alma não é possível a não ser que a Rosa, no centro do microcosmo, se abra para a força cósmica da Luz. E a personalidade, em tudo isto? Transtornada por esse toque, ela se submete à irradiação da Luz; ela abandona seus velhos hábitos e deixa progredir em si uma orientação completamente diferente. Ela está plena de gratidão porque, depois de tempos indizivelmente longos, pode se aproximar da Eternidade.

UMA NOVA FORÇA EMERGE DO CORAÇÃO

Diversos processos de purificação e de restauração se desenvolvem nesse momento na personalidade quádrupla, permitindo à verdadeira Alma ressuscitar e crescer. Uma nova força emerge do coração. Os diversos corpos são preparados para sua tarefa e ocorrem modificações das quais o homem mal toma consciência. Depois desses acontecimentos tão promissores, chega a hora da fuga para o Egito. No início, a alma e a consciência ainda estão muito frágeis para receber conscientemente a Luz e retê-la. Estes processos também são realizados sem o seu conhecimento. Mas, à medida que o homem ousa se entregar à Alma liberta, esta última estende seu domínio sobre a personalidade, de tal forma que o trabalho se acelera. Logo

Os astrônomos serviam-se das relações existentes entre as posições do Sol e da Terra, de um lado, e as posições de Vênus e das estrelas «fixas», de outro lado, para corrigir seu calendário. Hoje, estas correções são efetuadas por um relógio atômico. No teto dos templos da maçonaria inglesa encontra-se ainda uma estrela de cinco pontas que tem, no seu centro, um sol encimado pela letra G (God = Deus, o Altíssimo). Não é por acaso que a estrela de cinco pontas simbolizava o conhecimento, no antigo Egito. E aquele que era instruído a respeito dos movimentos das estrelas, principalmente sobre Sirius, dispunha de amplas informações sobre as estações do ano, os períodos de cheia do rio Nilo, as épocas propícias para sementeira, plantio e colheita. Estes conhecimentos tradicionais eram atributo dos sacerdotes. Também foi estabelecida uma relação entre Vênus e a rosa de cinco pétalas, que simboliza o nascimento virginal e a ressurreição. A imagem da rosa de cinco pétalas (rosa canina, uma espécie de rosa silvestre) serve para reproduzir o ciclo Vênus-Terra. Os estames do centro da rosa representam, ao mesmo tempo, o Sol e a trajetória de Vênus.

que o coração e o sistema circulatório estejam purificados, o sangue se torna apto para o renascimento da Alma. O desejo do coração estimula o fluido nervoso, e um novo impulso é exercido sobre a secreção interna.

Aspirar pela Luz deixa de ser uma simples orientação e se torna uma atividade consciente de sua finalidade. Para isto, são requeridas: inteligência, uma profunda calma interior e uma firme determinação. Assim se acende na Alma quántupla a chama do Espírito.



A ESTRELA DA VITÓRIA

Quando a alma natural se encontra vazia e desaparece, e a nova alma nasce, nela irradia a estrela de Belém: a estrela de cinco pontas brilha a partir do microcosmo através da personalidade. Ela está inscrita em um pentágono. É uma linha de força etérica, totalmente nova, em relação à qual se conforma tudo o que está presente no microcosmo. Esta corrente de força parte da cabeça para o pé direito, e do pé direito para a mão esquerda, e da mão esquerda para a mão direita, e da mão direita ao pé esquerdo, quando então volta a subir até a cabeça. «Assim é traçado o pentagrama mágico». «A rosa revela-se e seu perfume é exalado» escreve J. van Rijckenborgh no

livro *Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia* ⁽²⁾.

Um novo firmamento está formado: um sistema solar microcômico. As luzes do antigo céu já se apagaram e foram substituídas por novos poderes que são:

- a compreensão do plano que preside à evolução do mundo e da humanidade;
- o desejo de libertar todas as almas da cilada da natureza;
- o apagar-se do eu, para que a nova alma possa viver;
- um novo comportamento favorável à purificação e à restauração do microcosmo;
- uma sabedoria verdadeira, que sempre será o alicerce do pensamento, do sentimento e da ação.

Em torno do homem salvo brilha uma nova veste de Luz que é a prova da realidade na qual ele penetrou. Já nada se opõe à grande transformação, à transfiguração do inteiro ser, por meio da união do Espírito, da Alma e do Corpo.

Assim, a Estrela de Belém irradia não mais como as estrelas que vemos luzir muito longe, acima de nós, mas sim como um foco de forças puras que preenchem totalmente a nova alma e a preparam para sua união com o Espírito de Deus. Esta é a finalidade do homem. É por esta razão que os cátaros desejavam uns aos outros «um bom fim» usando as seguintes palavras: «*Que a profunda paz de Belém esteja convosco*».

1) GADAL, A., *No caminho do Santo Graal*, São Paulo, Lectorium Rosicrucianum, 1980.

2) RIJCKENBORGH, J. V., *Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia*.

ANO 23 Nº 1 – JANEIRO-FEV. DE 2001

Índice

- 2 A tempestade de fogo de Aquário
 - 6 Fica atento, meu amigo!
 - 7 O mundo dialético é bom ou mau?
 - 11 Prece de um rosacruz
 - 13 A Rosacruz vivente em cinco continentes.
 - 34 O que os rosacruzes entendem por...
 - 36 As forças que dominam a humanidade
 - 39 Sentado sobre o rochedo
 - 40 O candelabro do coração
-

ANO 23 Nº 2 – MARÇO-ABRIL DE 2001

Índice

- 2 Em busca da imortalidade
 - 7 A realeza interior
 - 13 A história do publicano Zaqueu
 - 15 A Mônada e a Unidade
 - 20 «Transcende o tempo torna-te eternidade»
 - 27 «A Europa está grávida e dará à luz uma poderosa criança»
 - 32 Religião cristã ou religião de Cristo?
 - 37 O Deus morto e o novo homem
-

ANO 23 Nº 3 – MAIO-JUNHO DE 2001

Índice

- 2 É tarde demais para um renascimento
 - 6 A encenação do novo homem
 - 12 Quatro séculos sonhando com o humanismo
 - 16 O novo homem se aproxima
 - 19 O homem ainda tem valor e dignidade?
 - 26 O ritmo dos acontecimentos mundiais
 - 28 A onda
 - 29 O anseio por uma sociedade ideal
 - 34 O programa da Academia Platônica de Florença
 - 38 A arte no período da Renascença
-

ANO 23 Nº 4 – JULHO-AGOSTO DE 2001

Índice

- 2 O sétimo dia da criação
 - 6 A origem da alquimia ocidental
 - 14 José e Asenate, uma história de amor do Egito
 - 24 Enquanto seus corações estão a mil milhas de distância!
 - 29 O teatro contemporâneo e a formação da consciência
 - 36 Lúcifer – a Estrela da Manhã
 - 41 O curso fatal do destino da humanidade
-

ANO 23 Nº 5 – SETEMBRO-OUT. DE 2001

Índice

- 2 A Luz ilumina o Caminho
 - 6 A música e a emoção
 - 11 A eterna luta contra o medo
 - 16 Da ilusão à verdadeira vida
 - 19 As sensações e o sofrimento da alma
 - 24 A nova consciência
 - 27 Mais de seis bilhões de mistérios não elucidados
 - 31 A água da vida
 - 32 «Dois homens descansarão...»
 - 37 Esperança: a ponte entre a fé e o amor
 - 40 «Tudo aqui me agrada, menos eu mesmo»
-

ANO 23 Nº 6 – NOVEMBRO-DEZ. DE 2001

Índice

- 2 Por que esta revista Pentagrama sobre o Grupo de Jovens Alunos?
- 3 Sede mestre de vossa vida!
- 6 Libertação da antiga natureza
- 14 Por que duas almas antagônicas vivem em mim?
- 22 Ainda vale a pena viver?
- 28 Conferência de Renovação Internacional dos Jovens Alunos em La Nuova Arca
- 31 O satélite do planeta original
- 38 O novo impulso libertador
- 43 Despertar de novos poderes

ANO 24 Nº 1 – JANEIRO-FEV. DE 2002

Índice

- 2 «Eles guardaram em suas mãos a luz da criação e, de volta, ofereceram ao mundo a luz da morte.
 - 7 Ritmo e equilíbrio
 - 10 As crianças dos novos tempos
 - 14 Um século de fundação
 - 30 É possível satisfazer o desejo de amor?
 - 34 «Like a bridge over troubled water, I will lay me down»
 - 37 Lá onde tempo e eternidade se encontram
 - 40 A perpetuação da vida
-

ANO 24 Nº 2 – MARÇO-ABRIL DE 2002

Índice

- 2 Violência ou não violência
 - 4 O país da Luz da paz eterna
 - 9 Os sinais secretos dos rosacruz
 - 12 O declínio começa desde o nascimento
 - 15 Impossível escapar disso
 - 20 Máscaras do mental
 - 26 Guerra e paz no espaço e tempo
 - 32 Verdade, liberdade, espada
 - 36 A luta, divertimento ou escola da vida?
-

ANO 24 Nº 3 – MAIO-JUNHO DE 2002

Índice

- 2 Em busca do Santo Graal
 - 3 Inúmeros são os que procuram o Graal no mundo
 - 6 O Graal céltico e a saga de Artur
 - 11 Presença do Graal em cada um
 - 12 Parsifal – o caminho do pesquisador
 - 18 Os cátaros no caminho do Santo Graal
 - 24 Origem e significado das lendas do Graal
 - 29 A viagem do Oriente ao Ocidente
 - 32 O Livro dos Reis da Pérsia antiga
 - 39 Kitesj, símbolo de um cosmo inviolado
-

ANO 24 Nº 4 – JULHO-AGOSTO DE 2002

Índice

- 2 Criticar, julgar ou condenar
 - 5 Qual é o segredo do universo?
 - 8 O conflito dos desejos
 - 13 Homem conhece-te a ti mesmo!
 - 16 Não pode ser o que não pode ser!
 - 21 Diálogo universal entre Hermes e Asclépio
 - 22 Perdido no labirinto do tempo
 - 29 «Porque onde estiverem dois ou três em Meu nome, ali estou no meio deles»
 - 32 O ser de Deus é como um círculo
 - 38 Sombras mantêm o homem aprisionado
-

ANO 24 Nº 5 – SETEMBRO-OUT. DE 2002

Índice

- 2 Saber... ou verdadeira sabedoria?
 - 6 Os poderes do velho homem e do novo homem
 - 17 Libertar-se do medo
 - 19 «Cabe a cada um decidir o que fazer com o tempo que lhe é concedido...»
 - 24 Rastros na areia
 - 27 Apresentações com playback, a grande imitação
 - 30 No campo da hesitação
 - 34 «O que embeleza o deserto, diz o Pequeno Príncipe, é que ele esconde um poço em algum lugar.»
 - 36 O segredo do verdadeiro jardim da vida
-

ANO 24 Nº 6 – NOVEMBRO-DEZ. DE 2002

Índice

- 2 A busca da perfeição
- 8 O novo pensar abarca o universo
- 13 Por que Deus deixa isso acontecer?
- 17 O centro único do microcosmo e do macrocosmo
- 23 Quem deu forma ao vazio?
- 26 O que é o pecado?
- 29 A alquimia dos mistérios do Ocidente
- 36 De onde vem o conceito «alquimia»?
- 41 A Estrela de Belém



*O pecado começa por apartar o homem de Deus,
depois, de seu próximo e termina por brunir as
armas de guerra dos povos. Ele constitui um
processo de decomposição. Em contrapartida,
o princípio crístico é aquele que dá vida
ao Espírito.*

(O que é o pecado, pág. 26)